

O roubo do século

O 2045 tira por ano 80 dias do seu salário

A pesquisa é do Dieese: do salário de novembro. O lucro total dos capitalistas num ano será de Cr\$ 10,7 trilhões, ou 16% da dívida externa. A batalha do povo e das oposições contra o 2.045 está na pág. 3.



Cortadores de cana: este ano sua luta se concentra na defesa das conquistas das greves passadas, hoje sob ameaça

Disputa de bandidos

Dois quadrilhas internacionais de bandidos mataram 269 pessoas numa disputa sem princípios no último dia 1º. De um lado os Estados Unidos que, sem nenhum escrúpulo, colocaram em jogo a vida de todos os passageiros do jumbo sul-coreano numa aventura de espionagem sobre a base soviética na ilha de Sakalina. De outro lado a União Soviética que, sem medir conseqüências, não vacilou em bombardear o aparelho.

As duas superpotências, equipadas com os mais requintados aparelhos de espionagem e com os mais sofisticados equipamentos bélicos, disputam freneticamente a hegemonia mundial, criando um clima de tensão que coloca em risco a vida dos povos. Falam em distensão e em paz mas a cada dia produzem novos mísseis e novos artefatos nucleares.

Agora, consumado o crime, no qual os dois lados têm culpa, assistimos à guerra no terreno da propaganda. A URSS, na defensiva, tenta justificar o seu ataque ao avião. Os EUA, fazendo-se de vítima, tratam de aproveitar o fato para isolar o adversário e para convencer os povos do acerto de sua política belicista.

Toneladas de papel e horas intermináveis na televisão são gastas no Brasil para apresentar os EUA como defensores da humanidade e a URSS como vilão incorrigível. Parece que não existem as matanças no Líbano, em El Salvador, no Chade, todas patrocinadas pelos EUA. Parece que nunca existiram as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki, lançadas pelos EUA, que mataram mais de duzentos mil civis no Japão no fim da Segunda Guerra Mundial.

O episódio serve como advertência sobre o perigo de uma nova guerra. A capacidade bélica armazenada pelos imperialistas russos e americanos e as disputas travadas por eles em várias partes do mundo criam inúmeras possibilidades de acidentes e conflitos, que mesmo sem intenção direta,

podem representar a qualquer hora a gota d'água para o confronto mundial. Mais do que isto a furiosa propaganda guerreira que se seguiu à derrubada do avião coreano indica que, longe de tirar lições da tragédia, as superpotências intensificarão ainda mais as manobras guerreiras.

Os trabalhadores não têm por que optar por um ou outro bandido nesta luta criminoso. Pelo contrário, o seu interesse exige o mais impiedoso desmascaramento tanto da URSS como dos EUA como principais responsáveis pelos acelerados preparativos para uma terceira guerra mundial.

A luta pela paz não está desvinculada das batalhas do dia a dia da classe operária e dos povos contra a exploração e a opressão. Embora com protestos amplos de massas seja possível colocar obstáculos para a política belicista das grandes potências, não se pode esquecer que o caráter agressivo da atividade russa e americana, e de seus aliados, decorre da própria natureza do sistema imperialista. Só é possível colocar um ponto final nas provocações, agressões e disputas das superpotências com a transformação revolucionária da sociedade e com a construção do socialismo. A harmonia entre os povos será uma conquista, com a liquidação do sistema de exploração e opressão capitalista.

A natureza criminoso tanto de uma como de outra potência fica ainda mais evidente pelo tom misterioso e nebuloso que envolve as notícias sobre o assunto, de um lado e do outro. Um não pode esclarecer como uma aeronave moderna se desvia tão perigosamente de sua rota. E o outro tenta dizer que confundiu um aparelho comercial com um avião militar. No fundo, os dois têm o rabo preso: não podem revelar a verdade para os povos. Porque a verdade é a disputa sem princípios e a busca desesperada da hegemonia no mundo.

Trabalhadores da cana às vésperas da greve

A campanha salarial dos 240 mil canavieiros de Pernambuco. Página 5

Ainda impunes os responsáveis pela tragédia de Pojuca

Deputados da oposição apontam omissão do secretário de Segurança, ex-torturador. Pág. 8

Brasileiro já come 15% menos que há um ano

A estatística, de São Paulo, mostra a vertiginosa queda do nível de alimentação do povo, vítima de uma inflação que já passa de 152% anuais. Pág. 5

Caso do Jumbo cheira a estopim de guerra

Ambas as superpotências passaram a última semana preparando a opinião pública para uma carnificina mundial. Leia na página 2

Portaria do Inamps é sentença de morte para 40 mil doentes

"Morreremos em praça pública", advertem os doentes renais

O pensamento e a música de Paulinho Nogueira

O violonista e cantor está lançando um novo disco, "Água Branca". Pág. 7

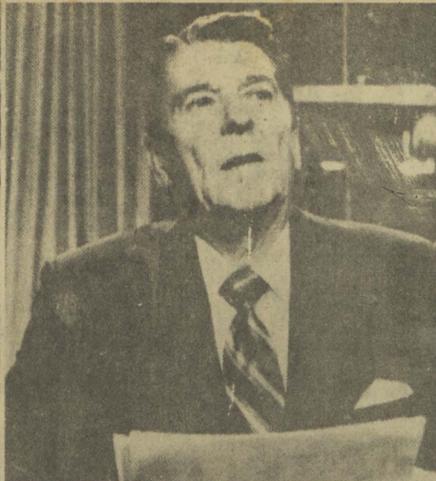


7 de setembro vira dia de luta contra o Fundo Monetário

Manifestações de protesto contra o FMI e a política vende-pátria do governo em vários Estados. Pág. 1

CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois



Familiares das vítimas da queda do jumbo.
E a demagogia de Ronald Regan na televisão.

Intrigas e mistérios na queda do jumbo sul-coreano

Na última semana todas as atenções do mundo se voltaram para o incidente da derrubada do Jumbo Comercial da Coreia do Sul, com 269 pessoas a bordo, por um caça SU-15, da União Soviética. O governo norte-americano chorou lágrimas de crocodilo, enquanto os dirigentes de Moscou faziam tudo para encobrir sua própria responsabilidade.

Até o momento o episódio está cercado de mistérios. As declarações e informações truncadas das potências envolvidas deixam claro que todos têm muito a esconder neste perigoso jogo belicista, onde os povos só têm a perder. Uma das hipóteses é que os soviéticos confundiram o Boeing 747 das linhas aéreas sul-coreanas com um avião espião norte-americano RC-135, que voava sobre espaço aéreo da URSS.

ATIVIDADES MILITARES

O RC-135 é um Boeing 707 modificado, que transporta equipamento eletrônico sofisticado para interceptar sinais de rádio e radar, além de sinais emitidos por mísseis testados pela União Soviética. Ele dá acesso a certas atividades militares soviéticas que não podem ser atingidas pelos satélites ou aviões de reconhecimento que voem a grandes altitudes.

O Boeing sul-coreano saiu de sua rota, e acabou sobrevoando uma área estratégica de segurança máxima soviética: a ilha Sakalina. Aqui a URSS mantém instalações militares e navais importantíssimas, operadas por cerca de 200 mil soldados. A própria tese soviética reconheceu que ali estão localizados sistemas decisivos de detecção

imediate de mísseis norte-americanos apontados contra a URSS. Por isso os caças soviéticos não vacilaram em abrir fogo contra o avião comercial.

CRUZADA BELICISTA

O presidente Reagan, dos EUA, transformou o incidente numa bandeira central de sua cruzada belicista e guerreira. Chorou lágrimas hipócritas na televisão. Convocou o Conselho de Segurança da ONU para discutir o ocorrido e condenar os soviéticos. Anunciou represálias, como a suspensão do fluxo de artigos militares e estratégicos dos países ocidentais para a URSS. É claro que o lucrativo acordo, fechado recentemente, de venda de 45 milhões de toneladas de cereais norte-americanos para a União Soviética foi mantido. Os interesses do lucro sempre falam mais alto...

A indignação dos governantes norte-americanos não passa da mais vil e barata demagogia. Por que eles não tiveram a mesma reação quando jatos israelenses derrubaram covardemente o Boeing 727 da Líbia no deserto do Sinai, em 1973, matando todas as pessoas a bordo? Ou quando a aviação de Israel invadiu e bombardeou uma usina nuclear no longínquo Iraque? Pelo contrário, o apoio militar dos EUA aos sionistas só aumentou.

Tudo indica que Washington também não está interessada na verdade sobre o incidente. Por que o governo ianque demorou 24 horas para denunciar a queda do avião sul-coreano, se seus monitores captaram no ato a transmissão do caça soviético na madrugada de 1º de setembro? Reagan escondeu até o dia 4 o fato de um avião RC-135 norte-americano estar vo-

Barril de pólvora atômico

O incidente com o Boeing da Coreia do Sul foi provocado pelo afã soviético em proteger a sua máquina de guerra no Pacífico, para a qual a ilha de Sakalina tem importância vital. De lá é que parte um bom número dos seus 25 submarinos nucleares. A frota soviética no Pacífico — a maior das quatro da URSS — consiste em 810 embarcações, incluindo 31 submarinos com mísseis, 10 cruzadores, 10 contra-torpedeiros e fragatas, todos equipados com mísseis teleguiados. A força aérea inclui cerca de 2.120 aeronaves e 108 mísseis nucleares SS-20.

Isto no entanto é apenas uma pequena parte das máquinas guerreiras que os EUA e a URSS buscam fortalecer ao máximo nesta situação de tensão mundial. O imperialismo ianque mantém 1.500 bases e facilidades nucleares em 60 países aliados. Mais de 800 mil soldados

americanos estão espalhados pelos quatro cantos do globo. Cinco frotas navegam todos os oceanos, levando 40 submarinos nucleares que podem atingir qualquer ponto da superfície terrestre com seus mísseis.

A URSS também mantém bases em todo o mundo, com cerca de 720 mil soldados fora de suas fronteiras. Sua frota igualmente percorre o globo, embora os mísseis nucleares estejam mais contemplados em terra.

As duas potências imperialistas gigantes concentram nada menos que 96% das 50 mil ogivas nucleares espalhadas pelo mundo, com uma força destrutiva de 20 bilhões de toneladas de dinamite. Os respectivos blocos militares agressivos, a OTAN e o Pacto de Varsóvia, são responsáveis por 70% dos 700 bilhões de dólares que o mundo gastou em armamentos no ano passado.

ando perto do Boeing sul-coreano pouco antes deste ser derrubado.

HISTÓRIA MAL CONTADA

Do lado da URSS a história também está muito mal contada. Os dirigentes de Moscou ocultaram vergonhosamente por cinco dias que haviam abatido o avião. Esse reconhecimento só veio por imposição das provas irrefutáveis, apresentadas à opinião pública mundial. Se, de fato, o Boeing simplesmente invadiu território soviético sem dar resposta aos sinais de alerta, por que essa versão não foi imediatamente divulgada?

O revoltante episódio, que produziu 269 vítimas; é fruto da disputa mundial entre as duas superpotências, que ameaçam transformar o globo num gigantesco campo de batalha. EUA e URSS mantêm os povos como reféns da sua insanidade imperialista. Um incidente como este pode se transformar no estopim para uma nova conflagração, repetindo o efeito que teve o assassinato do herdeiro do trono austro-húngaro, Francisco Ferdinando, na Sérvia, para a eclosão da 1ª Guerra Mundial, em 1914. (Luiz Fernandes).

Um terrorista para substituir Begin

A tensão e a disputa em torno da nomeação do sucessor de Begin como primeiro-ministro de Israel está agravando a crise política nesse país. Por 430 votos a 302, o atual ministro do Exterior, Itzhak Shamir, derrotou David Levy na votação do comitê central do Partido Herut para indicar o novo chefe de Estado eleito. O partido Herut de Begin é o principal da coalizão governamental Likud, que tem 46 cadeiras na Knesset (parlamento). Para governar, o Likud conta com a aliança dos partidos religiosos Agudat, Tami e Nacional Religioso. Esse partido totaliza

uma exígua maioria de 64, num total de 120 cadeiras.

Mas a nomeação do partido Likud está com dificuldade de passar no parlamento. Dirigentes do Tami e do Partido Nacional Religioso já anunciaram que vão abrir negociações com o Partido Trabalhista, principal força da oposição. Para ganhar tempo, Begin adiou mais uma vez a entrega de sua renúncia ao presidente Chaim Herzog. O racha de qualquer um dos pequenos partidos pode levar à formação de um novo governo, encabeçado pelos trabalhistas, ou à antecipação das eleições no país.

TRAJETÓRIA CRIMINOSA

Assim como Begin, seu candidato, Shamir, tem uma trajetória criminosa da pior espécie. Nos anos 30 ele ingressou para a organização terrorista de Begin, na Palestina, o Irgun. Em 1937 passou-se para uma outra organização ainda mais extremista, a Stern. Logo tornou-se um dos seus principais dirigentes.

Na década de 40 Shamir, junto com Begin, foi responsável pelo massacre de 254 mulheres e crianças em Deir Yassin e também pela explosão do hotel King David, onde 97 pessoas morreram. Em 1946

foi expulso para a Etiópia, de onde fugiu. Em 1948 participa, com Begin, do assassinato do conde Folk, mediador da ONU.

Já com o Estado de Israel formado, Shamir entrou para o Mossad, o tenebroso serviço israelense de espionagem. Em 1973 é eleito deputado. Como presidente do Parlamento a partir de 1977, opôs-se até mesmo ao traíçoeiro acordo de Camp David, por discordar da devolução dos territórios ocupados ao Egito. É um defensor intransigente da colonização dos territórios ocupados na Cisjordânia e faixa de Gaza.

Reagan atíça a guerra civil no Líbano

“Os milicianos ordenaram a todos que saíssem. Enfileiraram as

crianças e as fuzilaram. Entre elas estavam meus dois irmãos, de cin-



Soldado libanês ao lado do cadáver de um civil morto durante os combates.

co e seis anos. Os milicianos se voltaram então para nós e começaram a atirar. Saí correndo para me salvar”. O depoimento é de um cidadão libanês, da nacionalidade drusa, 34 anos, que pediu para não revelar o nome. A cena descrita é o massacre de 40 civis na cidade drusa de Kfar Matta, nas montanhas do Chuf, por milicianos da Falange — a organização político-militar pró-Israel, comandada pelo presidente atual do Líbano, Bachir Gemayel, no poder após a ocupação israelense.

O massacre de Kfar Matta é mais um episódio da violenta guerra civil que voltou a explodir no Líbano, entre as milícias ditas cristãs da Falange e os combatentes do Partido Socialista Progressista, encabeçado pelo líder da comunidade drusa Walid Jumblatt. Porém desta vez a guerra civil se complica consideravelmente, com a presença no Líbano de numerosas

tropas estrangeiras, não só israelenses, sírias, etc., mas também dos próprios Estados Unidos.

Em fins de agosto, dois marines americanos envolvidos nos combates já haviam sido mortos. Terça-feira, outros dois fuzileiros navais dos EUA morreram. Os homens de Reagan usam o fato como pretexto para uma escalada de sua intervenção, e já enviaram uma frota de guerra para unir-se ao porta-aviões Eisenhower, ajudando a sustentar as combalidas posições do governo Gemayel.

Assim, a intervenção estrangeira, agora cada vez mais a cargo diretamente dos Estados Unidos, continua a jogar lenha na guerra que dilacera a nação libanesa, enquanto aumenta, no Líbano e na opinião pública progressista do planeta, o clamor em prol da retirada imediata de todas as tropas de ocupação.

Manobras militares da Iugoslávia nos Balcãs

A agência iugoslava Tanjug e outras agências informaram que na primeira metade de setembro o exército iugoslavo executará na Macedônia manobras militares “táticas combinadas” batizadas “Jedinstvo 83”. A Secretaria dos Negócios Estrangeiros da Iugoslávia chegou cunicamente a solicitar ao governo da República Popular Socialista da Albânia que enviasse um observador.

O governo da Albânia respondeu que essas manobras de grande envergadura criam tensões e ameaças para os países vizinhos. Elas estão abertamente em contradição com as declarações reiteradas do governo iugoslavo a favor de uma política de boa vizinhança e pela manutenção da paz.

O governo albanês, mostrou que as manobras que se realizam nas proximidades de sua fronteira estão voltadas contra o seu povo. Este tipo de atividade militar faz parte da política provocadora e belicista adotada pela Iugoslávia, insuflada pelo imperialismo americano.

Solidariedade aos presos do Paraguai

Uma comissão de familiares de presos políticos paraguaios está no Brasil pedindo apoio à defesa da causa de todos os detidos. Segundo a comissão existem atualmente no Paraguai 46 presos políticos, dos quais 11 se encontram em greve de fome há mais de um mês. Além disso existem 19 desaparecidos e mais de 20 mil exilados.

A aliança dos inimigos da liberdade

Diante do crescimento das lutas de libertação dos governos reacionários da Guatemala, Honduras e El Salvador pretendem reestruturar o “Conselho de Defesa da América Central” (Condeca), criado há 20 anos para “combater o comunismo”. O assunto foi discutido a bordo do porta-aviões Ranger, dos EUA, por ministros dos três países centro-americanos.

Candidatura popular para o Equador

O Movimento Popular e Democrático (MPD) do Equador, lançou o deputado Jaime Hurtado Gonzáles candidato à presidência do país. No próximo ano haverá eleição presidencial e, segundo o Partido Comunista Marxista-Leninista do Equador, concorrem ao cargo “cinco candidatos das oligarquias do país”, e ainda um sexto candidato que visa “dividir as forças progressistas”. Mas há “um só candidato verdadeiramente representante dos setores populares, de larga tradição de luta pela defesa dos interesses das massas e da nação, Jaime Hurtado”.

Desemprego em crescimento na Europa

A taxa de desempregados aumentou em 11,5%, de julho de 1982 a julho de 1983. Segundo a Comissão da Comunidade Econômica Europeia, em nove de seus países (à exceção da Grécia), até o final de julho foram registrados 11,6 milhões de desempregados, o que equivale a 10,3% da população civil ativa! É a crise capitalista no velho mundo...

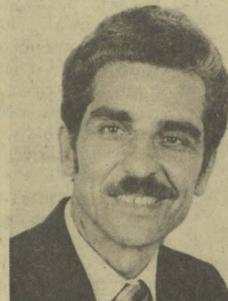
Terror turco leva exilado ao suicídio

Na manhã do dia 30 de agosto, suicidou-se em Berlim Ocidental o emigrado anti-fascista turco Kemal Altun, de 23 anos. Kemal atirou-se pela janela do Tribunal onde era julgado o seu pedido de asilo político na Alemanha. As autoridades alemãs preparavam-se para mandá-lo de volta às câmaras de tortura na Turquia, negando seu pedido de asilo.

Atos de apoio aos palestinos dias 16 e 17

No próximo dia 17 será lançada a campanha por 100 milhões de assinaturas contra a existência do Campo de Concentração de An-sar, criado e mantido pelos sionistas de Israel no sul do Líbano, onde estão 9 mil prisioneiros. A data foi escolhida por ser o primeiro aniversário do massacre de Sabra e Chatila, perpetrado contra os palestinos. O ato será na Catedral da Sé de São Paulo, às 16 horas. Também em Belo Horizonte o massacre de Sabra e Chatila será lembrado. Dia 16, às 20 horas, na Faculdade de Direito, com a presença do representante da Organização pela Libertação da Palestina no Brasil, Farid Sawan.

Leia e assinie a Tribuna Operária



Joaquim

Tribuna Operária, portavoz das classes trabalhadoras, merece o meu aplauso e voto de confiança. É realmente uma trincheira contra as injustiças sociais. É o instrumento de elo dos explorados e mais, é o grito de liberdade contra a corrupção de um governo arbitrário ilegítimo e não eleito pelo povo.

Joaquim Teixeira Padilha, vereador do PDT em Ijuí, Rio Grande do Sul.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária.

- | | |
|-------------------------------------|----------------|
| () Anual de apoio (52 edições) | Cr\$ 10.000,00 |
| () Anual Comum (52 edições) | Cr\$ 5.000,00 |
| () Semestral de apoio (26 edições) | Cr\$ 5.000,00 |
| () Semestral comum (26 edições) | Cr\$ 2.500,00 |
| () Exterior, anual | 70 dólares |

Envio cheque nominal à Editora Aníta Garibaldi Ltda, Rua Adoniram Barbosa, 53 (antiga Travessa Brig. Luiz Antônio) - Bela Vista - São Paulo, SP. CEP 01318

Nome:
Endereço:
Cidade:
Estado:
Profissão:
Telefone:
Data:

As pressões do governo tiram programa da tevê

Pressionada pelo governo federal, a Rede Bandeirantes de Televisão suspendeu, desde o último dia 29 de agosto, a transmissão do Programa Ferreira Neto, que ia ao ar diariamente às 23 horas. O programa apresentava entrevistas, principalmente políticas. Antes de suspendê-lo, a direção da Rede Bandeirantes já havia vetado a presença do vice-presidente do PMDB, Teotônio Vilela, em uma de suas emissões. No dia 29, pela tarde, o presidente da Rede Bandeirantes, José Roberto Maluf, encontrou-se em Brasília com o porta-voz do Palácio do Planalto, Carlos Átila, que lhe recomendou a suspensão do programa, no que foi prontamente atendido. Segundo o Sindicato dos Jornalistas de São Paulo houve censura ao programa, "apropriação indevida de algo que não pertence à empresa, mas a todos, e que se chama liberdade de imprensa e de informação".

Exército investe contra a Câmara de Montes Claros

Uma grande campanha pelos jornais e rádios locais foi travada contra os vereadores Sérgio Rocha e José Paulo Ferreira Gomes, do PMDB de Montes Claros, porque eles repudiaram o pedido feito no dia 23 por um vereador do PDS para homenagear o comandante da Polícia Militar e o da guarnição do Exército no município na semana do Exército. Oficiais chegaram a tomar da mão de um funcionário da Câmara duas fitas contendo gravações de suas sessões, fitas que só poderiam ser entregues com autorização do presidente da Casa. No decorrer da semana o Exército, para não assumir diretamente sua intervenção na Câmara, passou as investigações para o delegado Márcio Barroso, do DOPS da capital mineira. Membros da polícia civil e do DOPS passaram a vigiar os trabalhos na Câmara. Diante disso seu presidente repudiou o ato de desrespeito à soberania do legislativo municipal, sendo acompanhado por vários outros oradores da oposição. (da sucursal)



Renan: pelo confronto.

Deputado alagoano pelo confronto com o regime

O deputado Renan Calheiros, do PMDB de Alagoas, fez um discurso no dia 1º, na Câmara Federal, enfatizando a necessidade dos parlamentares assumirem o confronto com o governo. Renan pediu licença para cesmificar certas expressões que, de tempos em tempos, começam a apavorar os políticos. A contestação foi uma dessas expressões malditas. "Hoje, entretanto, se vê que o governo é contestado e nem por isso o mundo desaba, apesar do medo dos vacilantes". O parlamentar acrescentou que "outra expressão que entrou no rol das malditas, de uns tempos para cá, é o confronto. Esta é evitada até em cochichos, e quando mencionada provoca arripes e taquicardias não só entre alguns membros do parlamento, mas igualmente em ilustres e sinceros democratas lá fora. Que isso ocorra lá fora compreendemos: afinal, 20 anos de autoritarismo, dos quais quase a metade sob o feroz tacho da repressão fascista, deixam suas marcas profundas. Mas, no parlamento o papel que nos cabe é de consciência crítica e a fidelidade de que fomos incumbidos pelo voto popular. O que vemos neste país imenso, e para isto basta abrir qualquer janela e olhar a rua, é claramente o confronto. Nem mais nem menos: o governo está em confronto com a nação. O exemplo está bem à nossa frente e tem um número: 2045, o decreto do arrocho salarial que consuma a condenação dos trabalhadores à fome e à miséria. Aqueles que, porventura, ainda possam imaginar que a rejeição deste decreto significaria provocar o confronto, estão míopes ou de má-fé". O deputado alagoano ainda considerou um confronto legítimo a luta de todo o povo pelas eleições diretas para a presidência da República.

A explosiva batalha contra o decreto 2045

Os deputados do PDS estão se dando conta da inabilidade política de votarem a favor do decreto-lei 2045. Não que eles estejam preocupados com as dificuldades dos operários. Estão é com medo de ficar marcados. Nem mesmo o esforço do governo há duas semanas, levando o esperto Delfim Netto para debater com eles, surtiu o efeito desejado.

"Se eu já não estivesse convencido da necessidade de aprovação do decreto, com base numa questão de segurança nacional, o ministro Delfim Netto teria me desconvencido". A frase, dita pelo vice-líder do PDS, deputado Newson Gibson, um dos mais reacionários pedessistas, após o encontro de Delfim com a bancada do PDS na Câmara Federal, revela o espírito que domina os parlamentares governistas em relação ao 2045.

Depois do encontro, onde pela primeira vez Delfim foi obrigado a abandonar a sua tradicional ironia, a bancada pedessista parece que ficou mais relutante diante do famigerado decreto da fome. Além de Gibson, aliás escolhido por sua subserviência para ser o relator da comissão mista que examina o assunto, diversos outros parlamentares têm declarado publicamente que votarão contra o 2045. "Votarei não duas vezes" disse Amaral Neto (PDS-RJ). "Voto contra. As afirmações do ministro não resistem a uma análise séria" — declarou Herbert Levy (PDS-SP). "A exposição do ministro foi melancólica. Se o PDS fechar questão vamos recorrer à Justiça" — ameaçou Geraldo Renault (PDS-MG).

MOBILIZAÇÃO POPULAR

Diante deste quadro, crescem as possibilidades de derrota do 2045. Que só pode ser garantida por uma ampla e efetiva mobilização popular para pressionar os indecisos e bloquear as traições. Nesse sentido, o PMDB começou a dar passos concretos. O parlamentar Ulysses Guimarães reuniu-se na semana passada com os membros da comissão de mobilização e articulação com os sindicatos, para detalhar a linha de atuação do partido na luta pela rejeição do decreto.

Ficou decidido que o PMDB reunirá no próximo dia 21 o seu diretório nacional, para fechar questão

contra o decreto. Por proposta de Ulysses Guimarães, esta reunião deverá se transformar num grande ato político contra o 2045. Da mesma forma a gravação da sessão pública do partido para ser transmitida por rede nacional de rádio e televisão, no próximo dia 14, terá como tema central a necessidade da rejeição do decreto.

Para evitar surpresas de última hora, o PMDB decidiu também que todo parlamentar que estiver doente deve pedir licença do cargo, cedendo seu lugar ao suplente, para que todos os 200 deputados do partido estejam presentes à votação. Além disto, o partido irá proibir que os seus parlamentares viajem para o exterior no período previsto para a votação.

A direção do PMDB está enviando correspondência a todos os parlamentares, prefeitos, vereadores e governadores do partido, solicitando todo o empenho na preparação de atos públicos contra o 2045 e na organização de uma grande caravana a Brasília no dia da votação.

Além destas medidas, estão sendo feitos esforços de caráter suprapartidário para que se unam todas as forças oposicionistas para derrotar o governo e sua tentativa de multiplicar o arrocho, por exigência do FMI. COMPONENTE DA CRISE

Para os trabalhadores, que são os principais interessados em derrubar o decreto-lei, este combate além de significar de imediato a defesa de seu poder aquisitivo, representa ao mesmo tempo a luta contra o FMI e a dominação imperialista no país. A luta contra o 2045 pode atuar como detonador de um vigoroso movimento de massas em plano nacional. E a derrota do governo nesta batalha apresentará um componente de grande envergadura na crise política que se desenvolve no país. (Moacyr de Oliveira Filho).

Roubo de 10 trilhões

Se o decreto 2045 for aplicado nos próximos 12 meses, os trabalhadores brasileiros terão uma perda de salários de 10,7 trilhões de cruzeiros. Quem faz essa denúncia é o DIEESE, Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos.

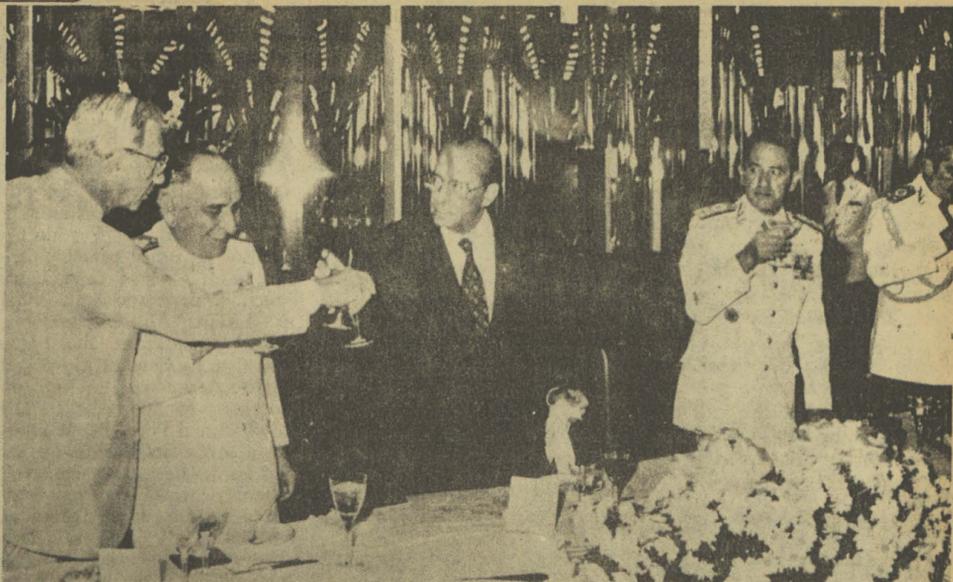
Pelos cálculos do órgão sindical "em dois semestres o trabalhador brasileiro irá perder 79 dias, cinco horas e 45 minutos de salário, o que representa perder o 13º salário, o 12º e mais 19 dias, cinco horas e 45 minutos do 11º salário".

O DIEESE é um respeitado instituto de pesquisa sustentado pelos trabalhadores que há muitos anos efetua cálculos do índice do custo de vida. Para fazer a conta das perdas salariais com a aplicação do decreto, o DIEESE supôs que a inflação dos próximos dois semestres seja a mesma que para o semestre que passou (71%). Se os reajustes deste mês e o de março fossem de acordo com o custo de vida, quem ganha até hoje 100 mil passaria para 294 mil em março — um acumulado

de 194%. Se o 2045 fosse aplicado, esse mesmo trabalhador receberia no total um reajuste de 114% (80% do INPC) ficando com 214 mil cruzeiros, após o reajuste de março.

Através da RAIS, Relação Anual de Informações Sociais, o DIEESE calculou a folha salarial reajustada pelo seu índice e a comparou com o reajuste pelo decreto 2045. A partir do primeiro reajuste a perda mensal dos trabalhadores brasileiros seria de 412 bilhões de cruzeiros, a partir de março de 1984 essa quantia subiria para 1,3 trilhões. Nos próximos 12 meses a quantia total roubada dos trabalhadores ultrapassaria 10 trilhões de cruzeiros. O que representa 16 bilhões de dólares.

Fica fácil de entender porque o FMI está fazendo chantagem para a aprovação do decreto 2045 no Congresso. Grande parte desses bilhões de dólares, arrancados do bolso dos trabalhadores, iria para seus cofres, como pagamento das prestações da astronômica dívida externa brasileira. E para engordar os lucros das multinacionais.



Repudiado por todo lado, Figueiredo busca apoio nos colegas de farda. Mas até ai está difícil.

Solução popular para a crise de governo

Na sexta-feira, dia 2, o general Figueiredo reuniu 120 oficiais graduados das Forças Armadas, numa tentativa de angariar apoio para o seu combalido governo e, numa linguagem típica de militar em batalha, declarou que é hora de "manter posições, aferrar-se ao terreno conquistado, confiar na estratégia adotada e manter a linha de ação".

Esta certeza arrogante é mais para o uso externo, pois não corresponde ao apoio que o governo recebe mesmo no público seletivo, cheio de estrelas nos ombros, que compartilhava da boa mesa do dia 2. Logo no sábado, por exemplo, o general Medeiros afirmava, com ares de sabido, que "é uma grande bobagem" dizer que o poder vai ser devolvido aos civis, enquanto no domingo — dizendo que não polemizavam com o chefe do SNI — os ministros da Aeronáutica e da Marinha, Délio Jardim e Maximiano da Fonseca, retrucavam defendendo a indicação de um civil para a Presidência da República. Isto sem falar nas recentes estocadas do General Golbery, diretamente contra Figueiredo, e em outras mensagens cifradas com que os generais freqüentemente dão seus recados em declarações à imprensa.

CRISE DE PODER

Estas disputas abrangem não só os círculos mais chegados ao Planalto, mas todos os setores que até hoje sustentaram o regime. Carlos Langoni, depois de assinar os mais escandalosos acordos de traição à pátria, deserda do Banco Central e sai gritando aos quatro ventos que Delfim quer destruir a economia nacional. Numa demonstração clara do caos que se espalha entre as classes dominantes, o editorial do jornal O Estado de S. Paulo de sábado, dia 3, ao comentar o episódio de Langoni, afirma categórico que a saída de um homem só nada resolve: "É preciso que

saiam todos, para que comece tudo de novo...". Por tudo isto, está cada dia mais difícil manter as posições e aferrar-se ao terreno conquistado, como demagogicamente Figueiredo pregou a seus colegas de farda.

Evidencia-se que o país vive os primeiros lances de uma crise de poder. Um fato mais grave pode representar o estopim para o fim deste governo. E pode significar uma porta para uma situação de grandes confrontos e profundas transformações sociais e políticas.

VACILAÇÃO BURGUESA

Neste quadro, temendo um recrudescimento da direita, a oposição burguesa se enrola. Os governadores, em particular, permanecem paralisados pela ameaça de intervenção federal, por um lado, e pelo medo da mobilização das massas por outro. De uma forma ou de outra cedem às pressões do regime e inclusive usam a repressão contra o povo. Apavoram-se diante da possibilidade de que um confronto maior abra o caminho para a revolução que, junto com o regime militar, derube também seus privilégios.

No terreno econômico, esta vacilação fica evidente na proposta de José Ermírio de Morais, presidente do poderoso grupo Votorantim. Fazendo coro com outras vozes do empresariado e da intelectualidade burguesa, ele defende uma "renegociação da dívida externa" para "pagar juros reais, de acordo com o que permita a balança comercial". No fundo, uma solução de compromisso, onde os credores acabam impondo as condições.

Queda de Langoni aumenta o isolamento do regime

Rachou a equipe econômica de Figueiredo! No dia 1º de setembro Carlos Langoni deixou de ser o presidente do Banco Central. Quem o substituiu é um "Delfimboy", Affonso Pastore. Apesar de não mudar nada na orientação entreguista, a concentração de poderes na mão de Delfim é um sintoma da decomposição do governo Figueiredo, da feroz luta interna, do isolamento do regime.

A saída de Langoni foi bombástica, com entrevistas e duras críticas ao Delfim. Disse que rompeu porque não concordou com os pontos acertados entre Delfim e o chefe do FMI, De Larosière, em Paris. Isso é conversa para boi dormir. Langoni foi um dos principais articuladores da nossa submissão ao FMI, não tem moral para posar de patriota.

A demissão de Langoni só pode ser entendida no quadro maior de desgaste do governo. A sucessão presidencial mergulha o chamado sistema numa briga de foice no escuro. A crise econômica acende ainda mais a disputa entre grupos.



O primeiro recado de Pastore foi claro. Quem manda é o Delfim.

Figueiredo começou seu governo com uma certa base social, com a política da "abertura" e pegou um resto de expansão da economia. Mas a crise se genera-

O objetivo das oposições burguesas é a "retomada do desenvolvimento". Para isto falam em moratória, renegociação, reescalonamento, etc. Não conseguem ou não querem entender que não se trata de retomar o desenvolvimento dependente, que gerou o drama em que vivemos. Não querem ou não podem ver que a solução efetiva para o povo e a nação exige romper com o capital financeiro internacional e trilhar um novo caminho.

ALTERNATIVA POPULAR

O brusco agravamento dos problemas econômicos e sociais, assim como a instabilidade política, são as marcas da conjuntura atual. Por isto, ganha corpo por todo lado a idéia: "fora Figueiredo". A oposição popular é que pode impedir que este ansio seja canalizado — pelo governo e pelos "moderados" da oposição — para um acerto de bastidores, que se limite a uma troca de nomes e a alguns retoques no regime. A ação enérgica das massas é que pode empurrar a luta democrática para criar uma alternativa real de poder — para que junto com o governo Figueiredo se ponha fim de imediato também ao regime militar.

Neste sentido é que aparecem iniciativas para que os sindicatos e organizações populares, correntes políticas, lideranças e parlamentares comprometidos com o povo se articulem num movimento nacional. Através de encontros ou congressos, em plano local e nacional, as forças populares podem encontrar uma política comum, assim como formas práticas de atuar. E discutir os meios para manter a mais ampla unidade, mesmo com setores vacilantes, para impulsionar a luta por um governo provisório, que represente as forças patrióticas, democráticas e populares. (Rogério Lustosa).

procurou garantir que é um "funcionário" de Delfim. Ao mesmo tempo procura criar ilusões nos políticos e empresários. Diz que na sua gestão os juros irão baixar. Porém os altos juros que asfixiam a economia brasileira são estruturais, devem-se ao elevado grau de monopólio atingido pelo setor financeiro, à dependência em relação ao dólar, etc. Não é uma pessoa diferente no Banco Central que fará os juros baixarem. Pelo contrário, essa disputa pelo poder no alto escalão, traz mais instabilidade para a economia e mais gasolina para a especulação financeira. (Luiz Gonzaga).

A luta pela independência nas solenidades do dia 7

Manifestações criativas de repúdio ao entreguismo do governo dos generais foram registradas este ano nas comemorações do 7 de Setembro, Dia da Independência. Em Manaus, Goiânia e São Paulo estudantes e opositores condenaram — até com humor — a política vende-pátria do regime militar. A resposta dos opressores não podia ser outra: repressão.

Em Manaus cerca de 20 mil pessoas aplaudiram os estudantes que, no dia 5 de setembro — Emancipação do Amazonas — desceram a avenida durante o desfile oficial com faixas e bandeiras, distribuindo um panfleto intitulado "O Brasil não é independente".

A polícia, por ordem do coronel Lustosa, da Segurança, investiu contra os manifestantes. Vaias e latas de cerveja, entretanto, contiveram os repressores.

Nas portas de fábricas, colégios, universidades e bairros populares, um panfleto do Partido Comunista do Brasil conclamava o povo a lutar pela independência e repudiar os acordos com o FMI.

TRIBUNAL POPULAR

Em Goiânia, no dia 6, foi composto na Câmara Municipal, por requerimento do vereador Adalberto Monteiro, do PMDB, um Tribunal Popular que julgou "os acordos Brasil-FMI e os outros crimes de traição nacional". A presidência ficou com o dr. Olavo Berquó, da OAB local. O senador Henrique Santillo foi o advogado de acusação. Representantes de várias entidades estudantis e democráticas formaram o corpo de testemunhas.

Aldo Arantes, deputado federal pelo PMDB, foi a testemunha mais aplaudida. Após denunciar vários atos de traição à pátria do governo federal, ele propôs "a união nacional. Não a união dos opressores com os oprimidos, dos torturadores com os torturados. Mas a união de todo o povo contra a traição nacional, o entreguismo, a fome, a ditadura militar e as leis arbitrárias que nos foram impostas".

Outra testemunha, o presidente da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), Apolinário Rebelo, afirmou que "este réu que não se encontra presente aqui, está na vida de cada brasileiro, no arrocho salarial, na fome e no desemprego que levam ao desespero milhões de famílias. Ele está presente na tentativa de implantar o ensino

pago e na extinção da meia-entrada nos cinemas".

O advogado de defesa do FMI, governo federal e dos acordos de traição nacional, dr. Elmo Ferreira, finalizou o ato questionando: "Onde estão as testemunhas de defesa? Por que não veio ninguém do PDS? Que governo é esse que não tem nenhum amigo para defendê-lo?"

No dia seguinte, 7, pelo menos nove pessoas foram presas pela Polícia Federal e Militar, quando distribuíam bandeiras do Bloco Popular do PMDB e conduziam faixas contra a política econômica do governo federal, protestando contra a falsa independência nacional.

FUTEBOL DEMOCRÁTICO

Em São Paulo os estudantes da *Viração Secundarista* promoveram, na praça da Sé, dia 7, o jogo "Imperialismo X Povo Unido". O FMI, "que dita as regras do jogo no país", foi o juiz, bastante vaiado pelos mais de mil assistentes. Pelo Imperialismo jogaram Reagan, Tio Sam, Delfim Netto, Maluf, Médici e Figueiredo. Pelo Povo Unido batalharam Oposição Unida, UBES, ABI, OAB, Comitê Contra o Desemprego, União das Mulheres e Tribuna Operária. A torcida aderiu ao jogo, sempre que a bola ameaçava o gol do Povo Unido. O FMI, por sua vez, colaborava abertamente com o Imperialismo. Figueiredo, durante a partida, sofreu dois ataques cardíacos. Ao final foi realizada uma manifestação e entoado o Hino Nacional.



O "Povo Unido" enfrenta o "Imperialismo", na praça da Sé em São Paulo



Fachada da Escola de Sociologia e Política ocupada pelos estudantes

Alunos ocupam faculdade para ter democracia

Os estudantes de várias universidades têm ocupado reitorias e feito greves exigindo a democratização das escolas. Somente no segundo semestre foram ocupadas as reitorias das Universidades de São Carlos, em Assis, Sociologia e Política (todas no Estado de São Paulo) e também a Universidade Rural do Rio de Janeiro.

A Escola de Sociologia e Política (ESP) está ocupada pelos estudantes desde o dia 26 de agosto, logo após os professores entrarem em greve. Entre outros pontos, os alunos reivindicam o congelamento das mensalidades, destituição da atual diretoria e escolha de uma outra por eleição direta. Além da sua ligação com grupos de extrema-direita latino-americanos, a diretoria da escola praticou uma série de irregularidades, como atrasar em mais de três meses os salários dos professores e a entrada de verbas suspeitas do Sesi a troco de pesquisas fantasmas.

As reivindicações dos alunos da ESP são basicamente os mesmos da comunidade universitária de quase todas as faculdades e universidades do país, ou seja, querem democracia nas escolas. E grandes mobilizações têm sido feitas para alcançar este objetivo. No encontro que manteve recentemente com a ministra da Educação, o presidente da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, Luis Pinguelli Rosa, lhe fez um alerta, afirmando que "existe um clima de insatisfação e apreensão que está gradativamente dominando o ambiente universitário neste semestre".

REITORIAS OCUPADAS

Na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), os estudantes conseguiram algumas conquistas econômicas, encerrando assim, dia 6, a greve de protesto de 21 dias e a ocupação da reitoria. A mobilização aumentou quando o MEC indicou um nome para a reitoria que não constava da lista sextupla entregue à ministra Esther Ferraz. O novo reitor Antonio Guimarães Ferri foi considerado um interventor, o que moti-

SEM DIÁLOGO

Uma das características das direções anti-democráticas das escolas é a falta de diálogo para com os docentes e alunos e suas justas reivindicações. Muitas vezes só depois de haver grandes mobilizações é que o reitor aceita sentar à mesa para negociar. Na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, os alunos tiveram que ocupar a reitoria desde 30 de agosto para que o reitor Fausto Aitagai abrisse negociações.

Na Fundação Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, os estudantes entraram em greve dia 31 de agosto, exigindo democratização na universidade e melhoria no ensino. O baixo nível do ensino é tal que um estudante de agronomia cita o exemplo de seu curso: "Os alunos do 4º semestre foram uma única vez a uma fazenda e, assim mesmo, para um churrasco..."

Intersindical gaúcha propõe greve contra 2.045

Greve Geral contra o decreto-lei 2.045 no próximo dia 25: está é a proposta que a Central Estadual dos Trabalhadores do Rio Grande do Sul está lançando para o conjunto do movimento sindical brasileiro. Ela foi aprovada numa reunião unitária do sindicalismo gaúcho no último dia 2, onde estavam presentes os membros da intersindical eleita no Ceclat anterior à divisão do movimento sindical do país. Entre os que apoiaram a decisão estão três importantes Federações do Estado — as dos Metalúrgicos, dos Bancários e a dos Trabalhadores em Alimentação.

Desta forma, na prática, a intersindical gaúcha superou ao

Flagelados saqueiam Cibrazem em Mossoró

No dia 31 de agosto, às nove horas, mais de mil flagelados da Serra do Mel e moradores da periferia de Mossoró, no interior do Rio Grande do Norte, saquearam os armazéns da Cibrazem, levando pacotes de macarrão. Imediatamente a PM agiu com violência contra os famintos.

Ninguém escapou da brutalidade de polícia: uma mulher grávida de seis meses foi golpeada até desmaiar; o sr. José Costa levou tantas pancadas que ao respirar sente fortes dores. Depois do saque Mossoró se tornou um quartel. Cães amestrados e um enorme contingente de soldados armados com metralhadoras e granadas ocuparam a cidade. Nos portões da Cibrazem, da Cobal e dos mercados particulares foram montados plantões com dois PMs, aguardando novas invasões.

Para o coronel da PM a explosão foi comandada por "agitadores" e pessoas que não passam fome. Mas dona Luzia André da Silva o contesta: "Todos que participaram do saque são famintos. Quem não está com fome não vai enfrentar a polícia, sofrer pancadas".

Entre os que saquearam o Cibrazem estavam os flagelados da seca da Serra do Mel e de outras localidades rurais da região. Dos 160 mil habitantes de Mossoró apenas 4 mil estão inscritos nas frentes de Emergência. Eles ganham o mísero salário de 15 mil cruzeiros. Mas a eles se juntam os pobres moradores da periferia da cidade, na maioria trabalhadores que recebem um salário mínimo e inúmeros desempregados. Recentemente a firma Guararapes demitiu mil operários. "Se no sertão estão os flagelados da seca, na cidade estão os flagelados do desemprego, da carestia e dos baixos salários", afirma um morador.

Entrevistado pela Tribuna Operária, o vigilante José Marelo, pai de oito filhos, explicou o porquê dos saques: "Quando a gente recebe o salário não dá nem para pagar a quem deve. A situação é tão grave que a gente pensa em saquear para sobreviver. É justo que o povo faminto invada os locais que têm alimentos. Mas ainda se o local for do governo, afinal é nosso". Para ele só existe um culpado pela situação atual: "É o regime aplicado pelos militares. Ele é o meu maior inimigo. Tem que ter união para derrubá-lo" (do correspondente em Mossoró, RN).



A Conferência da Mantiqueira - 1943/83

Vem de transcorrer o 40º aniversário da "Conferência da Mantiqueira", que jogou um papel singular na história do Partido Comunista do Brasil. A Tribuna Operária entrevistou o dirigente comunista João Amazonas, um dos organizadores e participantes da Conferência.

T.O. O que pretendia a célebre Conferência da Mantiqueira?

Amazonas: A Conferência, realizada em agosto de 1943, a 40 anos passados, reestruturou nacionalmente o Partido Comunista do Brasil, que havia sofrido, às vésperas da II Grande Guerra, sérios golpes da reação fascista. O Partido ressurgiu já então organizado e atuante em muitos Estados. Era um dos centros impulsionadores do combate ao nazismo. Era o eixo da mobilização popular para o apoio e a solidariedade à Força Expedicionária Brasileira que se formara para lutar ao lado das Nações Unidas. O Partido reclamava a democratização do país, submetido desde 1937 ao regime arbitrário do Estado Novo. Reivindicava a anistia para os presos políticos. Nessas lutas defendia os interesses fundamentais da classe operária.

Dois anos após a Conferência o PC do Brasil, alcançava a legalidade e seus efetivos chegavam a 200 mil membros. Nas eleições para a Assembleia Constituinte de 1946 obteve cerca de 10% da votação total.

T.O. Quem participou da Conferência?

Amazonas: Participaram dessa Conferência, efetuada na clandestinidade, muitos elementos perseguidos ou que haviam estado nos cárceres, que trabalharam para reerguer o Partido. A Conferência coroava uma atividade pertinaz, cheia de sacrifícios, que vinha desde 1941, de militantes fiéis à causa da revolução. Estiveram presentes, entre outros, Arruda Câmara, Maurício Grabois, João Amazonas, Pedro Pomar, Júlio Sérgio de Oliveira, Mário Alves. Ali elegeram-se um Comitê Central que incluía presos políticos como Prestes e Marighela. Iniciava-se a formação de um núcleo dirigente marxista-leninista que veio a desempenhar importante papel na defesa do Partido e de sua doutrina, e que mais tarde desmascarou os revisionistas e reorganizou o Partido, em 1962.



Dois anos após a Conferência o PC do Brasil conquistou a legalidade

T.O. Foram muitos os obstáculos para se chegar à Conferência?

Amazonas: Não foi um combate fácil a reestruturação do Partido em 1943. Travou-se uma dura luta para defender os quadros e militantes, em atividade nas condições de uma repressão violenta. Havia também os acomodados, que se diziam comunistas, mas não se engajavam na organização, esperavam em cima do muro melhores dias. Pior, todavia, foi a atuação dos liquidacionistas. Eles não queriam de forma alguma ouvir falar em reconstruir o Partido. Diziam que era provocação, que o Partido atrapalhava a união nacional e que o dever dos comunistas era simplesmente apoiar o governo. O liquidacionismo medrou particularmente no presídio onde se encontravam os dirigentes mais conhecidos e mais antigos. Entre estes, Fernando Lacerda, que fora representante do Partido na III Internacional e que havia chegado da União Soviética. Carlos Marighela, Agildo Barata, Silo Meireles, José Maria Crispim e outros entoavam a mesma cantilena. A grande voz que se levantou aí para defender a existência do Partido foi a do camarada José Duarte.

T.O. E Prestes, que posição tomou?

Amazonas: Ele não chegou a se pronunciar na ocasião. Mas ao sair da prisão, sua primeira preocupação foi trazer para a direção partidária, todos os exponents do liquidacionismo. Todos se revelaram, como ele, em 1956-57, kruschovistas e liquidacionistas impenitentes. Atacaram o Partido, jogaram

lama na sua teoria revolucionária.

T.O. Há assim uma relação entre o liquidacionismo de 1943 e o revisionismo atual?

Amazonas: Sem dúvida. A origem de classe, ideológica, é a mesma. O liquidacionismo, sob diferentes formas, não é fenômeno acidental. Manifesta-se geralmente em momentos agudos da luta de classes, nos períodos de maiores dificuldades. Reflete no campo ideológico a tentativa do inimigo de desarmar o proletariado, destruir sua força organizada.

Os revisionistas contemporâneos são continuadores dos que negavam a existência do Partido naquela época. Hoje, eles possuem uma organização que se intitula comunista, na realidade, porém, social-democrata, um agrupamento burguês contra-revolucionário. Renegaram o partido da classe operária, tudo fizeram para desmoralizá-lo e extingui-lo. Mas fracassaram. Venceu o marxismo-leninismo que enfatiza a necessidade do Partido como o fator essencial.

T.O. O que mais destacou-se na Conferência de 1943?

Amazonas: A Conferência da Mantiqueira, como a Conferência de fevereiro de 1962, demonstra que o Partido Comunista do Brasil é uma exigência histórica, não há nem haverá força capaz de destruí-lo. Os que se levantaram contra ele não têm futuro. Ele é invencível e indestrutível. A bandeira que ergue nenhuma outra corrente pode empunhar e levar à vitória, pois só se chegará à revolução e ao socialismo sob a direção de um partido revolucionário.



Cerca de 2 mil assalariados da cana participaram do lançamento da campanha salarial de 1983.

Canavieiros preparam nova greve em Pernambuco

Com uma grande concentração em Recife, dia 4, foi lançada oficialmente a campanha salarial dos 250 mil canavieiros da Zona da Mata de Pernambuco. Os 2 mil delegados presentes, representando 400 engenhos e arruados, os 45 Sindicatos da área e os dirigentes da Fetape e da Contag ameaçam ir à greve contra a intransigência dos usineiros.

Segundo José Francisco, presidente da Contag (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), a principal reivindicação dos canavieiros é o reajuste salarial com base em 100% do INPC para outubro. Desta forma os trabalhadores desconhecem o decreto-lei 2045 em que o governo taxa o reajuste em 80% do INPC. Os assalariados da cana exigem também um abono salarial de 10% para compensar a perda do poder aquisitivo decorrente

da diferença entre o INPC e o índice da carestia em Pernambuco.

Um dos pontos-chaves desta campanha salarial é a manutenção das conquistas sociais arrancadas a duras penas nas duas últimas greves da categoria. Os donos de engenho, alegando mentirosamente uma crise no setor, querem abolir. Dos 30 itens da pauta de reivindicações, 24 fazem parte dos acordos salariais firmados anteriormente, como o salário

unificado, a lei do direito ao sítio, escolas nos locais de trabalho, e o direito do delegado sindical de ter acesso a engenhos e esplanadas de usinas. Na prática estas conquistas já vêm sendo desrespeitadas, como explica José Rodrigues, presidente da Fetape (Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco): "Tivemos um ano de duros combates com a classe patronal para o cumprimento do dissídio coletivo, de enfrentamento com as mais brutais violências patronais, verificadas através de espancamentos e ameaças de morte aos trabalhadores, destruição de seus sítios, do desrespeito aos direitos trabalhistas e da exploração por meio de tarefas extenuantes".

PODEROSA GREVE

Há grande movimentação na Zona da Mata. Antes do encontro em Recife já haviam sido feitas duas outras grandes reuniões: uma na Mata Sul, com 600 representantes, e outra na Mata Norte, com 300 trabalhadores. Tudo indica que a categoria, que conta com a experiência de duas poderosas greves, voltará a cruzar os braços contra a arrogância dos usineiros.

Na concentração do dia 4 os canavieiros aproveitaram para manifestar seu repúdio ao FMI e ao decreto-lei 2045 e fizeram um minuto de silêncio em homenagem à mais recente vítima fatal dos usineiros: Margarida Maria Alves, presidente do STR de Alagoa Grande. Estiveram presentes no encontro, prestando solidariedade aos canavieiros, representantes do PMDB, PT, PDT, Igreja e de várias entidades sindicais. (da sucursal)

Nos últimos 12 meses a venda de alimentos ao consumidor caiu quase 15% em São Paulo. Para agravar mais a situação, no início de setembro o preço do trigo teve um novo aumento de 40%. O litro de leite deverá custar 200 cruzeiros e há ameaça de falta de arroz e milho no mercado. O povo desesperado já fala que isso vai dar revolução.

Dois dados estatísticos divulgados no mesmo dia mostram o quadro sombrio que pesa sobre a população. O Centro do Comércio do Estado de São Paulo divulgou que houve em julho uma queda de 14,5% nas vendas de alimentos em supermercados, em relação ao mesmo mês de 1982. E a Fundação Getúlio Vargas anunciou que a taxa de inflação nos últimos 12 meses atingiu 152,7%, a mais alta de toda a nossa história. Na mesma semana o trigo teve um aumento de 40%. O óleo de soja, o pão e o leite já tem data marcada para subir de preço.

Em todos estes aumentos existe o dedo do governo federal e do FMI. Este último exige o fim dos subsídios a produtos básicos para a alimentação — como o trigo. E o governo põe em prática esta política que leva milhões de pessoas à fome. O caso do trigo é um bom exemplo. Há menos de 60 dias houve um aumento de 100%. Mas os grandes moinhos — na sua maioria ligados à multinacional Bunge y Born — que monopolizam a sua comercialização, retiveram o produto até que o governo liberasse o novo reajuste.

Os especuladores com alimentos agem impudentemente e obtêm lucros fantásticos às custas da penúria do povo. Usam o antigo método de segurar o produto até que o preço se eleve. O presidente do Sindicato das Indústrias de Mas-

Preço alto tira a comida do trabalhador



O trigo chega às padarias mais caro e faz o pão sumir da mesa do trabalhador.

as e Biscoitos do Rio de Janeiro, Sérgio Leitão, acusou recentemente os moinhos de reduzirem deliberadamente o fornecimento do trigo em até 40%.

ALIMENTO CARO

A alimentação pesa cada vez mais no orçamento do trabalhador. Segundo pesquisa do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), em janeiro de 1982 o trabalhador de salário-mínimo de São Paulo tinha que trabalhar 125 horas e 7 minutos para comprar a ração essencial para a sua subsistência. Um ano mais tarde, para adquirir a mesma quantidade de alimentos teria que trabalhar 133 horas e 57 minutos.

Os preços dos alimentos básicos estão subindo a uma taxa muito superior à da inflação, o que está obrigando o povo a comer menos. A soja em grão subiu 230% de março até o final de julho e o preço da caixa de 20 latas de óleo de soja saltou de Cr\$ 3 mil para Cr\$ 12 mil. A carne teve um aumento de 250% de março a agosto e seu consumo caiu em 20%. Um outro produto que sumiu da mesa do trabalhador foi a batata inglesa, que encareceu 365% nos últimos seis meses. Até a tradicional do-

bradilha arroz com feijão está ameaçada de faltar no mercado. A escassez do milho é mais grave, pois o país precisa importá-lo, mas não se tem dólares para comprar no exterior.

Estes constantes aumentos se refletem de forma cruel nas famílias dos trabalhadores. Osvaldo Malaquias Dias, 64 anos, aposentado por invalidez, deixou o seu barraco na Vila Brasilândia, São Paulo, na manhã do dia 5 de setembro em jejum para o trabalho, porque não tinha sequer "um carrego de arroz ou feijão em casa". Osvaldo ficou com o braço esquerdo semi-paralítico num acidente de trabalho e hoje recebe Cr\$ 21 mil por mês do INPS.

Para sobreviver com tão magro salário, Osvaldo vende papel e latas vazias que apanha na rua. Enquanto empurra seu carrinho pela rua João Izidori, em um dos bairros mais pobres de São Paulo, ele explica: "Minha mulher e meu filho estão esperando eu vender este papelão aqui para comprar alguma coisa. Vai dar para fazer uns 600 cruzeiros e ainda tive sorte de encontrar isso aqui".

DIMINUINDO AS COMPRAS

O motorista Francisco José Barbosa diz que já teve que diminuir em 20% o volume de suas compras na feira e supermercado, "mas mesmo assim a cada dia está mais apertado". Valdemir Carvalho de Almeida é pedreiro e acha que a culpa dessa carestia é do governo. É acrescenta: "Do jeito que estão as coisas, não vai esperar muito pra sair uma revolução".

"Toda semana que a gente vai comprar é um preço novo", explica desolada dona Elisa Guimarães da Silva, mãe de 13 filhos, cujo marido é pintor de paredes. Elisa acha que "o Brasil está sem governo. As coisas estão aumentando todo dia. E o salário, aumenta todo dia? Não aumenta, e o operário é que sofre". Como inúmeras outras pessoas, ela prevê que esta carestia "vai acabar em guerra". (Domingos Abreu)



As vendas nas feiras também caíram, afetando feirantes e compraadores.

Assassinatos no campo

De julho para cá quatro trabalhadores rurais foram barbaramente assassinados e os criminosos continuam impunes, segundo denuncia a Contag em nota oficial. Margarida Maria Alves, presidente do STR de Alagoa Grande, foi baleada na tarde do dia 12 de agosto (ver TO nº 132).

No dia 31 de julho o lavrador Custódio Fidélis de Lana foi encontrado na Fazenda Mirassol, no Mato Grosso, com mais de 30 perfurações a bala e as orelhas decepadas. A chacina foi executada por quatro pistoleiros a soldo da Agropecuária Mirassol, que há muito tenta expulsar as 500 famílias que trabalham na área. Por pressão dos posseiros, os jagunços foram detidos para interrogatório, sendo liberados 12 horas após.

No Maranhão dois lavradores foram mortos no curto espaço de 48 horas. João Alves de Lima, 60 anos, azeiteiro, possui 25 anos na localidade de Sítio Novo, em Bacabal, foi morto a tiros por Adílio Soares, filho do grileiro Cícero Soares. Dois dias depois, em 26 de agosto, no município de Passo do Lumiar, o posseiro Raimundo Nonato Lopes foi baleado pelo capataz da Imobiliária Terra Rica, Avelino Souza. Antes de falecer, o lavrador reagiu, matando o agressor a faca.

Já o secretário do STR de Jucurutu, Rio Grande do Norte, Júlio Terto, sofreu um atentado. O fazendeiro Janúncio Medeiros perseguia-o com sua camionete até atropelá-lo em praça pública, no último dia 29.

Pelego teme a chapa dos rodoviários de Vitória

Os rodoviários do Espírito Santo aguardam com ansiedade a fixação da data para eleição da nova diretoria do seu Sindicato. O pelego Francisco de Almeida Pinto havia negado o registro para a chapa oposicionista, Carga Pesada. Mas, em razão de uma liminar garantindo a participação da chapa 2, o pleito foi suspenso pela Delegacia Regional do Trabalho.

Francisco Almeida Pinto controla a entidade sindical há 32 anos, batendo o recorde de peleguismo, e quer manter o reinado por mais três anos, concorrendo pela chapa 1. Julga que o Sindicato é sua propriedade e chegou a garantir para os membros da chapa oposicionista que "só saio daqui morto". Temendo ser julgado pela categoria, Francisco Almeida vem usando de todas as manobras para impedir que a chapa Carga Pesada concorra. Para este fim sujo conta com a ajuda da DRT (Delegacia Regional do Trabalho) e do advogado Vilmar Lobo, "mestre em trapaças e corrupção", segundo os rodoviários.

No dia 12 de maio, quando os membros da oposição foram registrar sua chapa, Vilmar

disse que não era possível aceitar a lista de candidatos e mandou voltar outro dia. De imediato ligou para as empresas onde trabalhavam os membros da Carga Pesada, orientando os patrões para que os demitissem. Posteriormente Vilmar obrigou dois concorrentes da oposição a assinarem um ofício em que a diretoria pelega havia decidido suspender os 90 dias. E, alegando que uma parte dos candidatos da chapa 2 não satisfazia as exigências legais, deu entrada na DRT com pedidos de impugnação. Sem vacilações, a DRT colocou-se a serviço do pelego e dos patrões e aceitou o pedido. Com o recurso impetrado pelos advogados da chapa Carga Pesada, Valdir e Sebastião Messias, o juiz da Justiça Federal emitiu uma liminar e a DRT foi obrigada a suspender as eleições. Agora todos aguardam o pleito.

PELEGO COM MEDO

Todas estas manobras têm uma explicação: o pelego teme ser derrotado, sabe do descontentamento da categoria. Também não é para menos, depois de tantos anos de traições e deduragens a serviço dos patrões.

Em 1979, quando os moto-

ristas e cobradores da Grande Vitória entraram em greve por melhorias salariais, o pelego imediatamente declarou à imprensa burguesa que o movimento reivindicatório era "ilegal e irresponsável". Apesar disto os rodoviários obtiveram o aumento salarial, fruto da pressão. Na greve de 1981 Francisco Almeida agiu da mesma forma. Já nas greves parciais por empresa sua primeira atitude é correr aos jornais para declarar que as paralisações "não contam com o apoio do Sindicato", taxando-as de "moleçagem".

Entretanto o pelego, que evita tanto as mobilizações da categoria, não se envergonhou de propor aos rodoviários em 1981 que cruzassem os braços para forçar as prefeituras de vários municípios do Estado a concederem o aumento das tarifas exigido pelos empresários. Os empresários ficaram de novembro a abril sem pagar os reajustes semestrais automáticos da categoria, alegando que não tinham condições. E o pelego, em conluio com os patrões, negou-se a lutar contra as empresas, justificando que elas só poderiam cumprir sua obrigação se as prefeituras aumentassem os preços das passagens. (da sucursal)

5 mil pescadores protestam em Recife

Na tarde de 5 de setembro, mais de cinco mil pescadores foram até o Palácio do Campo das Princesas, em Recife, sede do governo pernambucano, protestar contra a poluição com vinho nos rios Pirapama e Capibaribe. O governador não estava e o vice-governador Gustavo Krause, desconhecendo a manifestação, não esperou os pescadores e desapareceu.

Entre 14 e 22 de agosto as Usinas e Destilarias despejaram milhões de metros cúbicos de vinhoto, principalmente nos rios Pirapama, Capibaribe e Goiana. Este crime autorizado pela CPRH (Companhia Pernambucana de Controle da Poluição Ambiental e de Administração de Recursos Hídricos) matou toneladas de peixes e deixou milhares de famílias de pescadores sem o seu ganha-pão. Houve uma passeata com 10 mil pessoas dia 21 de agosto pelas ruas de Recife e dia 5 os pescadores das Colônias de Gaibu, do Pina, de Olinda, de Iapissuma foram exigidos providências do governador.

PROBLEMA CRÍTICO

Os pescadores exigem que o governador probe imediatamente os despejos de vinhotos e outros produtos químicos nos rios; indenização aos pescadores prejudicados pela poluição do vinhoto e que



As famílias dos pescadores acampadas em frente do palácio do governo.

as negociações sejam feitas com os legítimos representantes dos pescadores, que são os diretores das colônias. Além disso eles querem uma ajuda alimentícia de 15 em 15 dias e mais Cr\$ 25 mil mensais para pagamento de água, luz e aluguel.

A solução proposta pelos usineiros é contratar estes pescadores para o "trabalho na palha da cana". Mas segundo documento distribuído pelos pescadores, essa solução "não responde às nossas necessidades nem suprime os prejuízos sofridos. Ela atende diretamente aos interesses dos usineiros

que asseguram, desse modo, para si uma mão-de-obra farta e barata, de homens famintos e sem alternativa. Os usineiros ficam assim com mais lucros, tirando os pescadores da pesca e deixando os rios livres para seus despejos".

O presidente da Cooperativa dos Pescadores de Pernambuco, Francisco Gomes da Silva, se mostrou bastante revoltado com a discriminação do governador, que recebe usineiros, mas não pescadores. Ele ressaltou: "Como o nosso problema é muito crítico chegou ao seu ponto máximo, nós resolvemos forçar a barra". (da sucursal)

Operários unem-se e fazem greve

No dia 19 de agosto a Hércules S.A. Equipamentos Industriais, localizada no município de Jandira, demitiu por "justa causa" cerca de 70 de seus 156 operários.

Por que essa medida repressiva em cima do operário? O pagamento dos operários estava atrasado desde o mês de junho. No dia 17 de agosto como forma de resistência, os operários entraram em greve, formando uma comissão de 8 para reivindicar o pagamento de 45% do total do salário de junho.

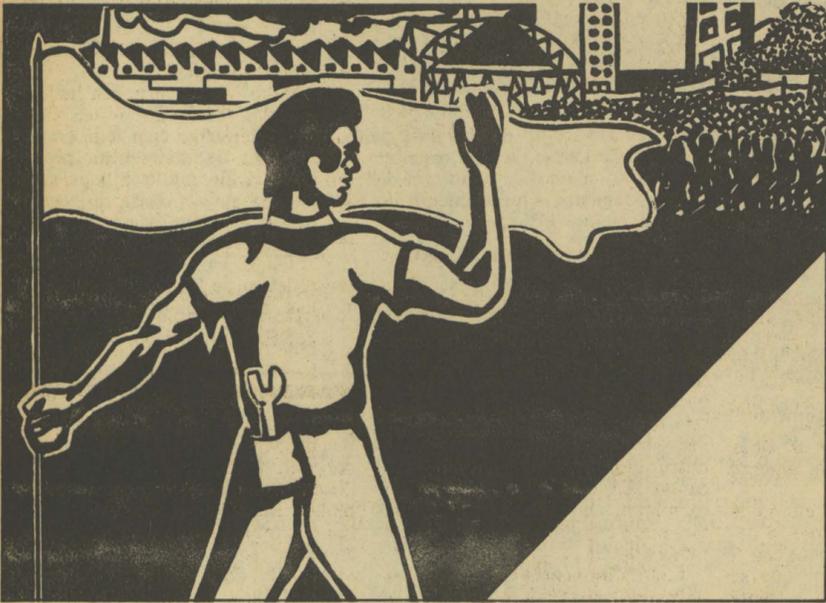
Dois dias depois, o pa-

trão chamou 11 operários (os 8 da comissão e mais três) que foram despedidos como agitadores. Em solidariedade aos companheiros, os outros continuaram a greve.

O dono da fábrica permaneceu inabalável na sua proposta de não pagar e deu 30 minutos para os operários retornarem ao trabalho sem atender suas reivindicações e sem previsão de pagamento dos salários atrasados. Aqueles que não retornassem seriam demitidos. Como sempre, a polícia compareceu para

defender os interesses do patrão.

Às 17:30, os grevistas voltaram para casa. E na segunda-feira foram impedidos pela polícia de retornar ao trabalho. 70 foram demitidos, inclusive cipeiros com 4 a 8 anos de firma... Neste mesmo dia os operários com dirigentes do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco fizeram uma assembleia na porta da fábrica, decidindo continuar a luta contra o patrão. (grupo de operários demitidos da Hércules - Jandira, São Paulo).



Onde falta união quem ganha é o patrão

A Alfred é uma fábrica de confecções que mesmo tendo mais de 500 operários não possui creche. Isto porque seria uma despesa a mais para os patrões que pouco se importam com a vida difícil dos empregados. Muitas mães precisam deixar os filhos com parentes ou amigos, outras "optam" por trancá-los dentro de casa.

Mas não é esse o único problema. Seu Júlio, dona

Linda e seu sobrinho Marcelo se encarregam de criar um clima de tensão e humilhação controlando inclusive o tempo que os operários estão no banheiro. Os funcionários da Alfred são obrigados a trabalhar 9,5 hs por dia; têm só uma hora para almoço. A fábrica não oferece alimentação e os operários ganham até menos que o mínimo. Tem empregadas com 15 anos de serviço que ganham o mínimo. Este é o "prêmio" pelo tempo de serviço.

A falta de união só faz bem ao patrão. Isso precisa acabar, que operário não é animal. É necessário que criemos a nossa união na luta contra os capitalistas, contra o governo de fome e inflação. Precisamos compreender que contra o povo unido ninguém pode. Que os operários, pela quantidade e pela força de trabalho que representam são uma força inigualável se unidos em luta. (grupo de apoio a TO de Itapagipe-Bahia).

Políticos do PMDB exigem diretas

Prefeitos, vice-prefeitos, vereadores e Diretórios do PMDB da 9ª Região Administrativa, reunidos em Araçatuba no 1º Encontro Noroeste sobre o momento brasileiro, responsabilizam o regime autoritário implantado no país a partir de 1964 pelas dificuldades que vivem os municípios, os estados e toda a população. Daí a decisão de firmarem as seguintes posições:

1) Rompimento dos acordos com o FMI, como ponto de partida para a suspensão do pagamento da dívida externa.

2) Rejeição do decreto-lei nº 2.045, como ato de soberania do Congresso Nacional, em resposta à política de arrocho salarial imposta por banqueiros internacionais.

3) Deflagração, a nível regional, da campanha pelas eleições diretas para Presidente da República, com ampla mobilização po-

pular.

4) Fim do regime militar como condição fundamental para a substituição da política recessiva imposta a toda a Nação.

5) Convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana, para que se dê ao país uma Constituição que absorva os reais interesses da Nação brasileira e garanta a soberania nacional. (assinam 33 cidades da região de Araçatuba-SP).

Agrimate trata peão como porco

Aqui em Barra dos Garças a Construtora Agrimate trata os operários como porcos. Os funcionários têm que comer alimentos crus e sem sal. E se o trabalhador reclama, o mestre de obras manda ir embora imediatamente. Os funcionários têm

que trabalhar dia e noite sem reclamar. A firma só assina carteira depois de dois ou três meses de trabalho. O Ministério do Trabalho não move uma palha, não vê nada disso que ocorre. Para lutar contra essa situação é necessário os

operários se unirem. Mas aqui ainda falta união. Este é o recado do simples e humilde operário que tanto luta pelo pão de cada dia.

(A.A.C. Barra dos Garças, Mato Grosso).

Doença provoca alta rotatividade

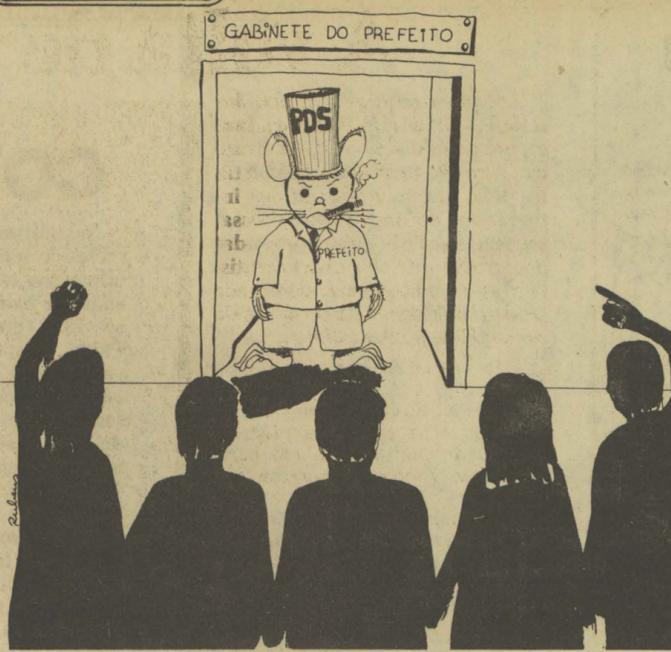
A CPB, Central de Polímeros da Bahia, impõe a seus operários as mais precárias condições de trabalho. Insalubridade e periculosidade andam juntos. Em áreas onde se trabalha com HR6, um pó altamente tóxico e muito fino, derivado de butadieno que é altamente inflamável, não existem máscaras. E é justamente ao número de doen-

ças causadas por este pó que se deve a considerável rotatividade existente na fábrica.

Os trabalhadores da CPB, que tem em seu quadro de funcionários mais de 50% de operários de empreiteiras, queixam-se ainda da péssima alimentação servida pela fábrica.

Para se ter uma idéia do desinteresse dos patrões pa-

ra com a conservação da saúde dos operários, ficam sabendo que são distribuídos apenas 15 pares de botas para dividir com mais de 300 funcionários! E o pó HR6 é tão ácido que essas botas, de péssima qualidade, em apenas dois meses estão totalmente acabadas. (do correspondente da TO no Polo Petroquímico de Camaçari-Bahia).



Dia do Trabalhador Rural é comemorado com uma passeata

Queremos aproveitar as páginas deste jornal para registrar a passagem do Dia do Trabalhador Rural. A comemoração foi realizada no dia 25 de julho, em forma de passeata. Isso apesar do boicote de transporte feito por dois donos de caminhão, que tinham compromisso de fazer duas viagens para o Sindicato. E também das ameaças dos políticos do PDS e seus apaniguados, que passaram a semana inteira dizendo que a passeata era para invadir o comércio e a Prefeitura. Eles afirmavam ainda que já tinha um policiamento de prontidão para reprimir quem fosse prá rua.

Apesar disso, compareceram cerca de 600 lavradores ao evento. A passeata percorreu várias ruas de Esperantinópolis, com três paradas: na frente da Praça Galdino Carneiro, em frente ao Hospital Santa Marta e na porta da Prefeitura, onde houve vários pronunciamentos de diversos oradores, como os vereadores Raimundo David Filho e Genésio Jovita Santos, o deputado estadual Luis Pedro, todos do PMDB. Eles criticaram a omissão do governo frente à miséria em que vivem os trabalhadores do Es-

tado do Maranhão, sobretudo devido a seca que assola a região.

O deputado Luiz Pedro frisou que a crise que o país está vivendo é fruto da política econômica desenvolvida pelos generais que assaltaram o poder em 1964 e da submissão do país ao FMI.

O ato também foi marcado pela presença de dois membros da Pró-CUT nacional e integrantes da comissão Estadual pró-CUT. Eles enfatizaram que a greve geral de 21 de julho marcou um novo rumo para o sindicalismo brasileiro.

Em frente ao Hospital os oradores falaram sobre o empenho e luta dos lavradores do município para construir aquele estabelecimento, que não é fruto dos esforços do prefeito Natal Jovita.

Os vereadores Raimundo e Genésio foram muito aplaudidos quando frisaram a omissão do prefeito e sua bancada pedesista na Câmara diante da proibição da quebra de babaçu da fome e da seca. O máximo que eles fazem é criticar a saídas apontadas pela bancada do PMDB. (Lourenço Moura de Oliveira-Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Esperantinópolis-Maranhão).

Com essa carestia o povo vai acabar morrendo de fome

A situação do trabalhador está ficando cada vez mais difícil. Em Goiânia um levantamento feito pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais (IPES) concluiu que foi de 12% o aumento nos preços dos alimentos básicos para um trabalhador no mês de agosto. De janeiro a agosto deste ano o aumento acumulado foi de 126%. Nos últimos doze meses atingiu 176%.

No mês anterior, julho, os alimentos subiram 26,7%. No período de um ano, dez dos 18 produtos pesquisados pela IPES tiveram aumento superior a 100%. É o caso do feijão, que registrou até agora uma alta de 394% da carne, 136% da batata, 242% dos ovos, 144% do pão, 118% do macarrão, 139%, entre outros.

Estes dados do IPES concluem também que um trabalhador teria que gastar com alimentação básica este mês Cr\$ 20.550,00, ou seja, 67% do salário mínimo. Para uma família média o total gasto com alimentação em agosto deveria ser Cr\$ 64.750,52.

Enquanto isso, o governo Federal, por ordem do FMI e dos banqueiros internacionais, baixa um novo pacote para arrochar os salários. Trata-se do decreto-lei 2.045, que reduz a 80% o INPC que calcula os salários.

Se no Nordeste o povo está comendo lagartixa e rato para sobreviver, aqui em Goiânia a coisa não está muito diferente. No último dia

23 uma gari desmaiou de fome em pleno centro da cidade. Também uma professora, no mesmo dia, desmaiou de fome na porta da Prefeitura. Ela explicou que durante todo o dia não havia comido nada e mostrava preocupação porque não tinha dinheiro e nem via possibilidade de conseguí-lo.

Na periferia, o descontentamento do povo com os rumos do país é geral. Um senhor de meia idade, pai de 4 filhos menores, que ganha salário mínimo, afirma que o dinheiro que recebe mal dá para comprar o arroz e feijão. "Para dar jeito na situação — comenta — só se houver guerra civil".

Na Vila Finsocial, os moradores reclamam dos salários baixos e da carestia. Segundo uma senhora que lava roupa prá fora para ajudar o marido, "esse Figueiredo e esse Delfim Netto estão querendo matar o povo de fome". (F.M. Goiânia, Goiás)



fala o POVO

Continuamos recebendo muitas cartas de operários e operárias, o que revela a aceitação da Tribuna Operária em sua classe. Neste número, o principal problema debatido é o do desemprego e a super-exploração nas fábricas. Em todas as cartas, com maior ou menor intensidade, observamos que os trabalhadores vêm compreendendo a necessidade de se unirem — única forma de enfrentar esta crise econômica e resolver proble-

Também destacamos a carta dos trabalhadores rurais de Esperantinópolis no Maranhão, que comemoraram seu dia apesar das ameaças do PDS, das pressões das autoridades e da presença ostensiva da polícia, reunindo numa passeata mais de 600 pessoas. (Olívia Rangel).

Prefeitura de Itabaiana despeja a força moradores

A comunidade do Jardim Itabaiana foi pega de surpresa no dia 2 de agosto com a chegada dos caminhões da Prefeitura transportando muitas famílias com seus objetos. Tendo conversado com o povo que chegava, alguns contaram que moravam no terreno da 13 de Maio no Padre Zé e que foram acordados pelos fiscais da Prefeitura, que colocaram tudo para fora e botaram as casas abaixo. De lá foram tirados pelo prefeito e jogados como gado debaixo dos fios de alta tensão da rede de Paulo Afonso, situada no Jardim Itabaiana.

Chegaram a uma hora da tarde e até cinco horas nada tinham comido e nem tinham teto para amparar do sol e da chuva. As crianças choravam com fome e com sede. Tinha criança com febre ao relento.

Trabalharam a tarde toda limpando os terrenos e enfincando os paus; alguns barracos já estavam cobertos abrigando as crianças quando o prefeito chegou dizendo que eles tinham que ir para um lugar mais adiante. Nesse lugar, havia um roçado e o dono do roçado mandou chamar a polícia para resolver a situação porque não queria que eles fizessem as casas. Chegaram dois carros da polícia assustando o povo.

No dia seguinte, resolveram partir em busca de alimento na própria comunidade. De manhã conseguimos dar o café a todo pessoal. As Comunidades e a Pastoral Operária continuaram em busca de alimento para o almoço dessas famílias, porque nem um alimento da Prefeitura chegou para este povo.

A Prefeitura começou a marcar o lugar dos barracos que medem 3 por 6 metros, para abrigar famílias com 7, 8, 9 e até mais pessoas. O lugar não tem luz, nem água, nem banheiro, nem sanitário. O prefeito colocou o povo debaixo dos fios de alta tensão onde sempre foi proibido pela Prefeitura das pessoas construir casa por causa do risco de vida que corre quem mora debaixo dos fios de alta tensão da Paulo Afonso. (Comunidade Eclesial de Base São Lucas — Jardim Itabaiana, Comunidade Eclesial de Base N. Sra. Carmo — Redenção, Pastoral Operária-João Pessoa-Paraíba).

Alunos comemoram Semana da Pátria a seu modo

Em meio às comemorações da Semana da Pátria, o Colégio NS Medianeira amanheceu na segunda-feira repleto de cartazes e faixas.

O Grêmio Estudantil Democrático Edson Luis de Lima Souto distribuiu panfletos e decalques a todos os alunos. Na hora do recreio foi feito um ato público, onde os estudantes pediram a cabeça do Delfim.

Os folhetos distribuídos diziam: "O aumento das mensalidades, o preço do material escolar, o baixo salário dos professores e serventes, métodos de ensino que visa somente o vestibular, colégios públicos carentes de banheiros e laboratórios. Problemas que o estudante enfrenta e que provêm de uma política de elitização do ensino, de uma inflação e desvalorização de nossa moeda — promovidos pela tradicional incapacidade militar de governar, que desde 64 vem abrindo as portas do Brasil para o capital estrangeiro e para as decisões políticas vindas além de nossas fronteiras.

"Um presidente eleito pelas forças populares significa o rompimento com a política do FMI, a decretação da suspensão da dívida externa e a convocação de uma assembleia nacional constituinte livre e soberana, desobediência aos almeidos nesta semana que se comemora uma independência que ainda não foi decretada". (Grêmio Edson Luis de Lima Souto-Curitiba-Paraná).

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Mudanças que a crise exige

Nas épocas de alterações bruscas na situação política, todos os partidos e organizações populares são postos à prova. Saber realizar as mudanças nas palavras de ordem e nas formas de organização de massas que ajudem o povo a golpear seus inimigos e romper o sistema de opressão é uma das questões-chaves da teoria e da prática revolucionária.

TEMPOS NOVOS

Falando sobre esta situação de crise, Lênin explicava em junho de 1915: "Hoje não existe uma situação revolucionária, não há condições para a efervescência das massas, para o incremento de sua atividade; hoje colocam na tua mão uma cédula eleitoral: tome-a, aprende a organizar-te para golpear com ela a teus inimigos e não para enviar ao parlamento homens que se aferram à sua cadeira por temor ao cárcere. Amanhã te retiram a cédula eleitoral e te colocam na mão um fuzil e um excelente canhão de tiro rápido, última palavra da técnica: toma estes instrumentos de morte e destruição, não escutes as choramingas sentimentais dos que temem a guerra; existem ainda no mundo muitas coisas que devem ser destruídas a ferro e fogo para emancipar a classe operária, e se entre as massas crescem a ira e o desespero, se há uma situação revolucionária, prepara-te para criar novas organizações e para botar em jogo estes instrumentos tão úteis de morte e destruição contra teu governo e tua burguesia".

Nestes momentos de viragem, as velhas fórmulas, os métodos rotineiros, tornam-se inteiramente incapazes para dar continuidade ao combate. As forças de vanguarda têm a responsabilidade de explicar às amplas massas a amplitude e a profundidade da crise, despertar a sua consciência e ajudá-las a colocar em tensão toda a sua capacidade para realizar ações o suficiente fortes para romper com as velhas estruturas. E desfazer as ilusões dos que ainda acreditam que os dominantes abandonam passivamente o poder e os privilégios que usufruem.

DIVIDIR OU UNIR

As classes dominantes por sua vez também tratam de se adaptar à nova conjuntura. E a realidade de nosso país atualmente mostra isto com grande evidência. A fome, que sempre foi crônica, tornou-se agora um problema agudo. Os trabalhadores perdem o pouco que conseguiram. O entreguismo e a corrupção tornaram-se escândalos públicos, estampados diariamente nos jornais, com os nomes dos mais altos dirigentes do país envolvidos. O governo, desatinado com a incapacidade de controlar a economia e a política, revela-se na prática como desgoverno. Os poderosos colocam em ação novos instrumentos e como ponto central tratam de dividir o povo. Promovem a cisão do movimento sindical e já falam em lançar outros partidos ditos de oposição.

Os partidos e organizações revolucionárias, pelo contrário, tratam de encontrar os problemas mais candentes em torno dos quais é possível forjar uma unidade maior e que levem à classe operária e demais forças populares agirem em bloco, deixando em segundo plano as pequenas divergências que só interessa aos patrões explorar.

UM NOVO PODER

Se o sistema dominante se atola num emaranhado sem solução, as forças vivas da nação além de discutirem uma nova perspectiva para o país, encontram-se diante do problema de forjar gêmeos do novo poder, que se imponha como alternativa para o regime em agonia. Tudo isto exige uma visão ampla da realidade. Se o rumo geral até aqui traçado foi correto, os métodos e a velocidade das batalhas mudam agora com rapidez. As massas com ações vigorosas são capazes de abrir os novos caminhos.

A volta de Paulinho Nogueira

Após quatro anos afastado dos estúdios, Paulinho Nogueira lança um novo disco — *Água Branca*. Um dos principais violinistas do país, Paulinho foi um dos integrantes do movimento bossa-novista e viveu — e vive — todas as agruras que um instrumentista vive em nosso país, dominado pelo colonialismo cultural e pelo monopólio das gravadoras.

T.O. O que representa seu novo disco?

Paulinho. Eu já tenho uns 20 LPs gravados, e fiz uma pausa durante os últimos quatro anos, em parte devido ao próprio panorama que existe no Brasil. Hoje em dia tem que se reunir uma série de condições para gravar. O esquema independente não estava me interessando. A mim não interessava ter que investir num negócio, ter que distribuir, que divulgar. Isso não me atraía. Pra poder criar uma coisa boa a gente tem que pensar mais na parte artística, né? Daí recebi um convite do pessoal da Eldorado pra gravar... É um disco cantado, mas como quase tudo o que eu faço, a base é o violão...

T.O. Como é a vida de músico no Brasil?

Paulinho. Acho que agora ela está melhorando. Mas para o instrumentista daqui é difícil sobreviver exclusivamente desse trabalho. Tem que fazer alguma coisa paralela... Tem que fazer música para teatro, para filmes.

"Os meios de comunicação não executam discos instrumentais dos músicos brasileiros"

Da parte do público, porém, existe uma grande aceitação. Os instrumentistas bons, como o Heraldo Dumonte, o Arthur Moreira Lima, qualquer espetáculo que façam é lotação total. Agora, os meios de comunicação não os executam. Quer dizer, executam quando lançam o disco. Se eu gravo um disco instrumental e vou numa rádio, as portas estão abertas. Me recebem, tocam, e tal. Mas eu saio da rádio, e não tocam mais...

T.O. Como você vê a questão da política cultural?

Paulinho. O pessoal que trabalha nesse ramo é muito acomodado. Tu-



Paulinho Nogueira e seu violão, no Clube do Choro, e a capa do seu novo disco, "Água Branca".



T.O. Você também é inventor de instrumento musical...

Paulinho. Olha, eu nunca fui um pesquisador, sabe? É que eu gosto muito de desenhar. Antes de mexer com música, eu desenhava. Há alguns anos atrás, em 1968, me veio a idéia de eu ter um violão que eu fi-

"Me deu grande satisfação ver a Tetê Espindola gravando músicas com a craviola"

zesse. Então fiz uns desenhos e levei pro Gianinni. E daí surgiu a craviola. O Gianinni, com a visão de empresário dele — que eu não tenho essa visão, eu queria um violão pra mim, só isso —, me propôs contrato, colocou em linha, e por aí foi. No Canadá, Inglaterra, Estados Unidos, teve uma boa aceitação. Aqui no Brasil um sobrinho meu, Estênio, adotou a craviola. Me deu grande satisfação também ver a Tetê Espindola gravando com a craviola. E uma vez recebi uma revista de música do exterior, com uma foto do Led Zeppelin, e um dos integrantes do grupo estava com a craviola. (Zé Luiz e Carlos Pompe)

do o que vem de fora dá muito mais lucro, porque já vem pronto, com a pesquisa feita, com um esquema elaborado, e é o que interessa à política cultural vigente. Quando uma música é lançada aqui, já vem com o sucesso em dois ou três países, e é isso que ocupa o espaço. Isso a gente vê na própria natureza — o desprezo que se vê pela natureza no Brasil... É um todo que funciona, e a arte brasileira sobrevive porque o talento do brasileiro é muito grande, e a raça também. Porque estímulo quase ninguém tem. Você liga um rádio... e fica meio triste.

T.O. Com a vitória da oposição em alguns Estados, houve alguma melhora nesse setor?

Paulinho. Olha, por enquanto é cedo para dizer. Na verdade, é necessária uma vitória da oposição a nível federal. Na hora em que se eleger um presidente, daí a gente pode ter mais esperança... Porque hoje... o que é um governador, um senador? No fundo, eles não têm autonomia para resolver nada, essa é que é a verdade.

T.O. Voltando ao seu novo disco. Nele todas as músicas são cantadas?

Paulinho. Sim. Na média dos meus 20 LPs, dois terços são só de

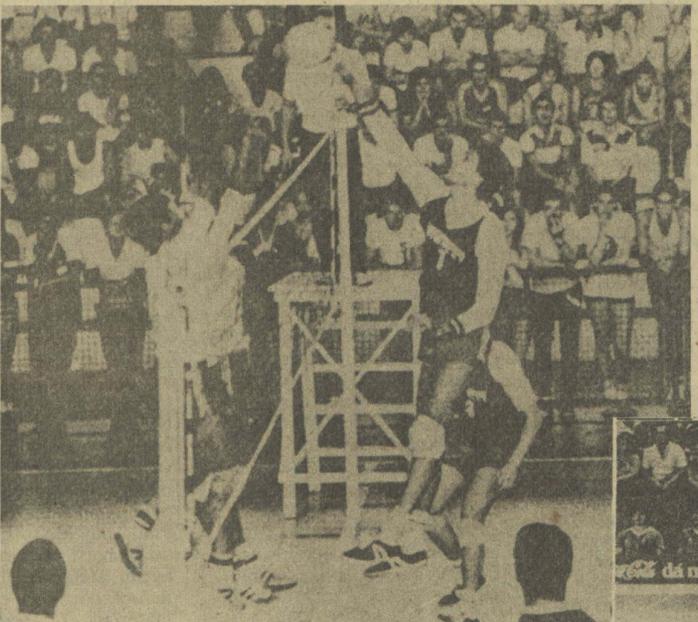
violão. Nos primeiros tempos em que eu comecei a gravar, antes da bossa nova, eu só gravava instrumental. Depois que o João Gilberto surgiu, abriu um campo muito bom para as pessoas que interpretam, sem que sejam propriamente cantores. Ele quebrou o tabu de que só quem tinha voz era quem podia cantar. Eu, como tinha muita música minha, comecei também a cantar, e daí alguns de meus discos se-rem cantados.

T.O. A influência de João Gilberto no seu trabalho é só no canto, ou no violão ele também influenciou?

Paulinho. Não, no violão não, que eu surgiu antes dele. Ele não é um solista. Pra mim o João Gilberto é um caso especial, pela síntese que ele fez da música, pelo estilo. Na época em que ele surgiu, eu dava aula, e houve uma febre de aprender a tocar violão, por causa dele.

A festa do esporte no interior

São José do Rio Preto, cidade do interior paulista, sedia nesta semana a maior competição poli-esportiva da América Latina em número de equipes e atletas participantes — a 48ª edição dos Jogos Abertos do Interior. Os jogos são disputados em 13 modalidades — futebol, futebol de salão, vôlei, basquete, atletismo, natação, saltos ornamentais, ciclismo, judô, ginástica, tênis de mesa, tênis e xadrez —, com 7 mil atletas representando 92 cidades do interior de São Paulo.



Jovens e veteranos disputam as várias modalidades do esporte nos Jogos Abertos, em São José do Rio Preto.

Apenas torneios nacionais e campeonatos estaduais paulista e cariocas se equivalem ao nível técnico dos jogos abertos. Dos 200 atletas que integram nossa delegação no Pan-Americano de Carácas, 50 se apresentarão em Rio Preto. Metade da seleção do vôlei masculino — William, Xandô, Amauri, Montanaro, Domingos e Ronaldo — defenderá Santo André. A quase totalidade da seleção feminina de basquete — Hortência e Paula inclusive — jogará por Piracicaba, Bauri, Presidente Prudente e cidades do ABC. Os organizadores dos jogos costumam dizer com vaidade indistarcável que uma seleção do resto do Brasil não venceria, na contagem geral, a seleção do interior paulista. E não cometem nenhum exagero.

ESPORTISTA APAIXONADO

A primeira disputa dos jogos abertos aconteceu em 1936, na cidade de Monte Alto, por iniciativa de um esportista apaixonado — Horácio Barioni. A partir de 1940, tornaram-se oficiais e passaram a ser pro-

movidos pela Secretaria Estadual de Esportes.

A despeito de não desfrutar de muito prestígio junto às emissoras de tevê e à imprensa, que se preocupam mais com estrelas do que com o esporte em si, os jogos são muito conhecidos nas cidades de todo o Estado. São disputados anualmente e apaixonam as torcidas e os esportistas de grandes e pequenas cidades.

Paulo Lima, atleta da seleção brasileira que liderava o decatlo (dez provas variadas de atletismo) no Pan até a penúltima prova, e perdeu a medalha de ouro devido a uma contusão na virilha, nas primeiras entrevistas que concedeu ao desembarcar no Brasil, dizia que a partir de então só pensava em vencer os jogos abertos para Guarulhos.

E, com todas as dificuldades para organizar uma competição dessa magnitude, as prefeituras disputam acirradamente o direito de sediar os jogos. O apoio restrito que recebem não permite ampliar o número de modalidades e nem dos participantes da fase final.

AS FAVORITAS

Santo André é a grande favorita para o título. Ganhou cinco dos últimos sete torneios, e tem medalhas garantidas no vôlei e no ciclismo. Disputará o título com seus tradicionais vizinhos, São Bernardo e São Caetano — campeão do ano passado — e com Santos, Campinas e São José, que sedia o torneio. (Jesé Madureira).



Publicações da Editora Anita Garibaldi Ltda.

- O imperialismo e a revolução (Enver Hoxha)..... Cr\$ 800,00
- Relatório ao 8º Congresso do PTA (Enver Hoxha)..... Cr\$ 800,00
- Discurso aos eleitores (Enver Hoxha)..... Cr\$300,00
- Farabundo Martí, herói do povo de El Salvador..... Cr\$ 200,00
- Os comunistas e as eleições (V. I. Lênin)..... Cr\$400,00
- Educação revolucionária do comunista (D. Arruda)..... Cr\$ 500,00
- O revisionismo chinês de Mao Tsétung (J. Amazonas)..... Cr\$ 800,00
- Pela liberdade e pela democracia popular (João Amazonas)..... Cr\$ 500,00

Socialismo, ideal da classe operária e anseio de todos os povos (João Amazonas)..... Cr 500,00

Guerrilha do Araguaia..... (esgotada)

Princípios (revista teórica), n.ºs 1, 2, 3, 4, 5, e 6..... Cr\$ 500,00

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. (com envio de cheque nominal no valor da compra) Rua Major Quecino, 300, sala 307, CEP 01050. Bela Vista, São Paulo, Capital.

Fundação Maurício Grabois

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniram Barbosa, 53, antiga Trav. Bríg. Luiz Antonio, Bela Vista, São Paulo, CEP 01318. Telefone: 36.7531 (011 - DDD). Telex: 01132133 TLOPBR.

Jornalista responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffly, Olivia Rangel.

Sucursais:

ACRE — Rio Branco: Rua Belém, 91, Estação Experimental Rio Branco — CEP 69900. AMAZONAS — Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 — A (Pça. da Saudade) — Caixa Postal 1439 — CEP 69000. PARA — Belém: Rua Aristides Lobo, 620 — Centro — CEP 66000. MARANHÃO — São Luiz: Rua do Machado, 174 — Centro — CEP 65000. PIAUI — Teresina: Rua Eliseu Martins, 1130, 1º andar CEP 64000. CEARÁ — Fortaleza: Rua do Rosário, 313, sala 206. CEP 60000. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4, CEP 62100. RIO GRANDE DO NORTE — Natal: Rua Fonseca e Silva, 1098, sala 202. Alcrim CEP 59000. PARAIBA — João Pessoa: Rua Padre Meira, 30, sala 108, CEP 58000. Campina Grande: Rua Venâncio Neiva, 318, 1º andar — CEP 58100. PERNAMBUCO — Recife: Rua Sossego, 221 — Boa Vista — CEP 50000. Cabo: Rua Vigário Batista, 239. Garanhuns: Rua 13 de Maio, 85, 1º andar, sala 3, CEP 55300. ALAGOAS — Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183, Centro. CEP 57000. SERGIPE — Aracaju: Rua João Pessoa, 299, sala 28, CEP 49000. BAHIA — Salvador: Rua Sen. Costa Pinto, 845, Centro CEP 40000. Feira de Santana: Av. Getúlio Vargas, 260, sala 101, CEP 44100. Camaçari: Rua José Nunes de Matos, 12, CEP 42800. Itabuna: Av. Juracy Magalhães, 180, sala 204, CEP 45600. MINAS GERAIS — Belo Horizonte: Av. Amazonas, 491, sala 817. Fone: 224.7605. CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança Valadares, 3º andar, sala 411, CEP 36100. GOIÁS — Goiânia: Rua 27, nº 69 Centro - CEP 74000 - Goiânia-GU DISTRITO FEDERAL — Brasília: Ed. Goiás, sala 322, Setor Comercial Sul, CEP 70317. MATO GROSSO — Cuiabá: Rua Comandante Costa, 548, Fone: 321.5095, CEP 78000. MATO GROSSO DO SUL — Campo Grande: Rua Antonio Maria Coelho, 1152, 1º andar, sala 15, CEP 79100. ESPÍRITO SANTO — Vitória: Rua Vitória, 961 - Forte São João - CEP 29000. Vitória-ES - RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 2208, CEP 20000. Rio de Janeiro: Rua Garvalho de Souza, 155, loja F, Madureira, CEP 20000. Niterói: Av. Amaral Peixoto, 370, sala 807, CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101, CEP 25000. Nova Iguaçu: Rua Otávio Tarquínio, 74, sala 605, CEP 26000. SÃO PAULO — São Bernardo do Campo: Rua Jurubatuba, 1716, sala 9, 1º andar, CEP 09700. São Caetano do Sul: Rua Sta. Catarina, 39, sala 303, CEP 09500. Campinas: Rua Regente Feijó, 592, CEP 13100. Marília: Rua Dom Pedro, 180, 1º andar, CEP 17500. Piracicaba: Rua Gov. Pedro de Toledo, 1367, CEP 13400. Ribeirão Preto: Rua Sergipe, 119, CEP 14100. Santos: Av. D. Pedro II, 7, CEP 11100. São José dos Campos: Rua Sebastião Humel, 185, sala 7, CEP 12200. Taubaté: Rua Souza Alves, 632, sala 5, CEP 12100. PARANÁ — Londrina: Rua Sergipe, 891, salas 7 e 8, CEP 86100. RIO GRANDE DO SUL — Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29, CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dr. Montaurer, 658, 1º andar, sala 15, CEP 95100. Rua Andrade Neves, 1589 sala 403 - Pelotas-RS, CEP 96100.

A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda Composta e Impressa por Proposta Editorial, Rua Heitor Lentendo, 236, loja 8 Tels: 263 3115, São Paulo-SP

Jogo de empurra entre culpados da tragédia de Pojuca

Cento e onze vítimas, na maioria meninos, entre mortos e feridos graves com remotas chances de sobreviver — foi o saldo da explosão de dois vagões carregados de gasolina, dia 31, na cidade baiana de Pojuca. No jogo de empurra para escolher os culpados, aparece um coronel que já torturou presos políticos, e o desespero ditado pela fome.

O trem, da Rede Ferroviária Federal, com 27 vagões, descarrilhou às 7 horas da manhã na rua da Piedade, em Pojuca, a 70 quilômetros de Salvador. Transportava 800 mil litros de gasolina e óleo diesel da Petrobrás, de Candeias para Aracaju. Três dos vagões, com 120 mil litros de gasolina, tombaram. O combustível começou a jorrar.

A miséria mora no bairro do Cruzeiro, onde se deu o acidente. Operários, serventes, desempregados, biscateiros e suas famílias sobrevivem ali a duras penas. Vêm no descarrilhamento a chance de conseguir alguns trocados a mais. Com latas, baldes, garrafas, começaram a recolher a gasolina que derrama. As crianças, principalmente, fazem uma verdadeira festa sobre a lama que o combustível derramado forma na rua.

Solidariedade e exigência de punição do crime

O povo sabe que há perigo de vida. Mas não resiste à tentação de conseguir, talvez, o único dinheiro daquele dia. Quase 2 mil pessoas se aglomeraram em torno dos vagões, enquanto os recipientes vão



As casas da rua da Piedade, destruídas pela explosão do vagão



Trinta e seis corpos carbonizados no local; os outros foram morrendo aos poucos nos hospitais...

sendo enchidos e vendidos, a Cr\$ 100 e até menos por litro, aos donos de carros que passam.

Mais de 13 horas depois, sem que as chamadas "autoridades constituídas" tomassem qualquer providência, a tragédia prevista desde cedo aconteceu: um incêndio irrompe subitamente, e faz explodir um dos vagões. No local ficaram 36 cadáveres carbonizados, a maioria até hoje sem identificação. Outras 17 pessoas morreram nos hospitais de Salvador até domingo passado. E quase uma centena permanece internada, com poucas chances de sobreviver:

são "grandes queimados" — com quase 70% do corpo atingido profundamente pelo fogo.

A partir do momento da tragédia, dois sentimentos tomaram conta da população. Um foi a solidariedade, espontânea, desinteressada e generosa às vítimas. O próprio transporte dos acidentados para o pronto-socorro do Hospital Getúlio Vargas, em Salvador, foi garantido pelo povo. E até de madrugada havia filas de doadores voluntários de sangue, gase e remédios.

O outro sentimento que aflorou com força foi a revolta e o desejo de ver punidos os responsáveis pelo crime.

Quem são os culpados? Na mesma noite do acidente, no pronto-socorro do Hospital Getúlio Vargas, o secretário de Saúde do Estado, Nelson Barros, denunciava a "irresponsabilidade" de não se ter isolado imediatamente a área do acidente. Mas não acusou ninguém diretamente, preferindo dizer que a população foi "muito imprudente". O superintendente da Rede Ferroviária Federal na Bahia, Walter Geb, confessou que preferia acompanhar o ministro dos Transportes numa solenidade em Salvador do que cuidar do desastre. O governador da Bahia, João Durval, qualificava o ocorrido de "crime", jogando a culpa na Rede Ferroviária e na Petrobrás. Esta tirava o corpo fora, dizendo só ser responsável pelo combustível até o embarque. O ministro dos Transportes, Cloraldino Severo, por sua vez, descarregava a culpa sobre seus subordinados: "A Rede Ferroviária Federal é a única responsável pelo acidente de Pojuca".

Enquanto as autoridades jogam a culpa umas sobre as outras, as pessoas continuam morrendo nos hospitais de Salvador — cinco a seis por dia. A Refesa e a Petrobrás têm

A coragem que vem da fome

Que força atirou centenas de homens, mulheres e crianças de Pojuca num desafio à morte, por alguns litros de gasolina? Não foi a imprudência, como querem as autoridades. Foi a miséria. A fome.

Em tempos de crise, como hoje, cai bruscamente o nível de vida dos trabalhadores. Milhares de padecimentos individuais e familiares somam-se num só drama, de classe, e empurram para a ação. A princípio é a ação espontânea, a explosão cega,

a busca da sobrevivência imediata — como em Pojuca, como nos saques de supermercados, no apedrejamento de ônibus e trens, nas invasões de cidades do sertão nordestino.

Mas a crise educa o povo, com rapidez febril e em grande escala. Esclarece seus reais objetivos, seus amigos e inimigos. Facilita a ação consciente, que centuplica nas massas toda a coragem, a tenacidade e despojamento aprendidas na luta pela sobrevivência.

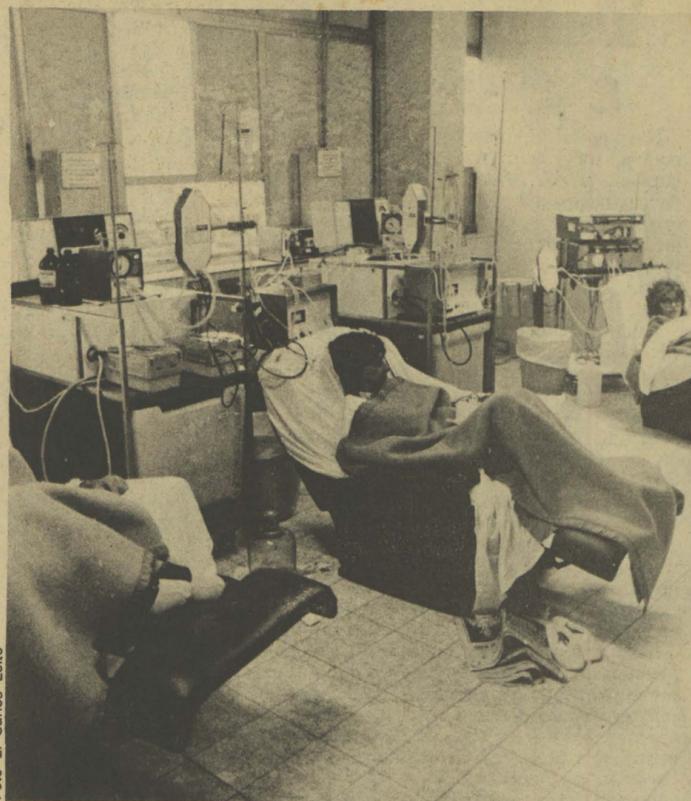


Foto L. Carlos Leite

Paciente submetido à hemodiálise: um caso de vida ou morte

Condenados à morte pelo INPS

Quarenta mil brasileiros com insuficiência crônica nos rins estão condenados à morte a partir de 1º de outubro. A sentença, decretada pela portaria 241-83, consistirá em desligar os aparelhos de hemodiálise do Inamps, alegando falta de verba. "Iremos morrer em praça pública, de mãos dadas" — advertem os doentes renais de Belo Horizonte.

Quando o Inamps baixou a portaria 241, dia 11 de agosto, causou estupor entre pacientes e médicos. É sabido que a Previdência Social anda às voltas com um rombo gigantesco no seu orçamento — fala-se em Cr\$ 500 bilhões. Mas a portaria contém medidas de "contenção de custos" que valem por uma sentença de morte para milhares de pacientes.

Em resumo elas consistem numa drástica redução das salas de hemodiálise — um processo de eliminação das toxinas do sangue, rigorosamente vital para quem sofre de insuficiência renal crônica e não dispõe de alguns milhões de cruzeiros para fazer um transplante de rim. Como alternativa, o Inamps apresenta o método chamado CAPD (Diálise Peritoneal Ambulatorial Contínua), só utilizado por 5% dos doentes renais do mundo, devido ao altíssimo risco de infecção. Em nosso país, segundo o dr. Ruy Barata, da Sociedade Brasileira de Nefrologia, o CAPD deverá matar cerca de dois terços dos doentes renais crônicos.

As multinacionais não foram afetadas

Os presidentes das Sociedades de Nefrologia nos Estados, reunidos, consideraram que a portaria é inviável. Ela reduz apenas os encargos menores — explica o dr. Nestor Schor, presidente da Regional São Paulo da SBN: "Os lucros das multinacionais, os encargos maiores, não foram afetados. Nós propusemos a redução da taxa de importação dos materiais, o governo não aceitou. Propusemos o controle dos preços do material utilizado e o resultado foi o mesmo. Corremos o risco, diante disso, de acabar com a diálise — ou seja, o governo está condenando à morte estes pacientes".

Nestor Schor evidencia também que a redução dos honorários dos médicos pela metade, outra alteração da portaria 241, não resolverá o problema dos custos do tratamento: "Os honorários médicos representam apenas 20% do custo da diálise. O que pesa no tratamento são os lucros das multinacionais, particularmente a Travenol, que controla 90% do mercado dos materiais necessários à diálise. Isto quando boa parte desse material poderia tranquilamente ser produzida no Brasil, mais barato. O custo de um dializador, por exemplo, é Cr\$ 10 mil; nós pagamos Cr\$ 70 mil...". Os fabricantes nacionais de equipamentos de diálise também entra-

Com o general Figueiredo é outro caso...

Muitos dos que padecem de insuficiência renal crônica compararam os dispositivos draconianos da portaria 241 com o tratamento dado pela Presidência da República para a doença do general Figueiredo.

O general, para submeter-se a uma operação de ponte-safe-na, deslocou-se para uma clínica em Cleveland, nos Estados Unidos, apesar dos protestos de eminentes cardiologistas brasileiros que demonstraram que a viagem era inútil — a cirurgia poderia perfeitamente ser feita no Brasil. Junto com Figueiredo viajou uma "pequena comitiva" de familiares, guardacostas, amigos, etc., num total de 20 pessoas. A viagem custou aos cofres públicos a bagatela de 900 mil dólares, mais de Cr\$ 1 bilhão pelo câmbio paralelo atual. E é este mesmo governo que condena milhares de doentes à morte a pretexto de "contenção de gastos"...

ram na briga. Afirmam que as multinacionais, mais os impostos exorbitantes sobre a importação de produtos indispensáveis, são os responsáveis pelo encarecimento desse tipo de tratamento. Antônio Maia Massia, gerente de vendas da Macchi Engenharia Biomédica Ltda., denuncia que as multinacionais dominam 80% do mercado e "estão importando todo o material descartável, fabricado no país, como bolinhas de algodão, tubos de plástico e, até, as etiquetas que colocam no aparelho já montado, identificando-o como produto nacional".

"Iremos morrer em praça pública"

Só em São Paulo, todos os anos são detetados 2 mil novos casos de doentes que precisam da hemodiálise. No Brasil, são 4 mil por ano e 40 mil no total. Para eles a portaria é literalmente um caso de vida ou morte. "Queremos viver!" e "Abaixo o assassinato em massa!" eram os dizeres de algumas das faixas de uma manifestação realizada dia 1º em Belo Horizonte: mais de cem doentes renais crônicos e seus familiares pediam a revogação da portaria 241, argumentando que "não é uma lei e sim uma sentença de morte". Cinco dias depois, em audiência com o secretário da Saúde de Minas, eles advertiram que irão "morrer em praça pública" caso a medida entre de fato em vigor.